

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

*Os Estilos Parentais e a Qualidade de Vida
Percebida pelos Adolescentes*

Catarina Ribeiro Freire de Almeida

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia da Educação

Trabalho realizado sob orientação de:
Professora Doutora Cristina Nunes

2014

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

*Os Estilos Parentais e a Qualidade de Vida
Percebida pelos Adolescentes*

Catarina Ribeiro Freire de Almeida

Mestrado em Psicologia da Educação

Orientadora:
Professora Doutora Cristina Nunes

Orientanda:
Catarina Almeida nº40584

2014

Os Estilos Parentais e a Qualidade de Vida Percebida pelos Adolescentes

Declaração de autoria de trabalho:

“Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.”

Copyright – Catarina Ribeiro Freire de Almeida. Universidade do Algarve. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

“A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.”

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma dissertação de mestrado não é possível sem a participação e o apoio de todo um conjunto de pessoas, que tanto direta como indiretamente estiveram presentes e ajudaram nos momentos mais precisos.

Desta forma, é imprescindível agradecer à minha orientadora Prof.^a Doutora Cristina Nunes, por ter aceite orientar a minha dissertação partilhando comigo os seus conhecimentos e aconselhando-me ao longo de todo o processo. Pela sua disponibilidade, compreensão e preocupação, um muito obrigada.

Aos meus pais, por serem a minha rede de suporte e por estarem sempre presentes. Por me permitirem usufruir desta experiência de enriquecimento e me incentivarem a ir sempre mais longe, nunca me impedindo de voar.

A todos os meus colegas de curso, por estes cinco anos de partilha, de amizade, de entre ajuda e de troca de experiências, costuma-se dizer que nenhum caminho é longo quando temos ao nosso lado os amigos, e estes cinco anos foram a prova disso.

Em especial à Lúcia, a minha colega de curso, a minha amiga, o meu apoio. A sua presença nas horas intermináveis de volta de artigos e computadores, as dúvidas que surgiam a horas improváveis, os telefonemas nas horas de pânico, a troca de experiências. Sem ela este percurso teria sido bastante solitário.

À Rita, não só pela pessoa fantástica que é mas principalmente pela sua amizade, e apesar desta ser recente, espero que se mantenha ao longo da nossa vida. Um muito obrigada também pela sua preciosa ajuda na parte estatística, pela sua paciência e disponibilidade.

À Isabel, pela sua paciência inesgotável, pelo seu apoio incondicional, pela sua presença constante e pelas palavras motivadoras nos momentos mais necessários.

Muito Obrigada!

RESUMO

A adolescência é a fase de transição entre a infância e a adultez, caracterizada por diversas alterações que representam para o adolescente um período conturbado. Neste sentido, as práticas parentais podem facilitar ou dificultar todo o processo, visto que os pais são os principais responsáveis pelo desenvolvimento de competências sociais, competências estas cruciais para um bom desenvolvimento. Desta forma, o principal objetivo deste estudo é analisar as relações entre as diferentes práticas parentais e a sua relação com a percepção que os adolescentes têm da sua qualidade de vida. Participaram no presente estudo 249 alunos de cinco escolas do Distrito de Faro, (53% raparigas e 47% rapazes) com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos de idade ($M = 14,69$; $DP = 1,667$). Estes alunos responderam a três questionários distintos que pretendiam obter informação sobre: dados sociodemográficos; estilos parentais (ESPA) e qualidade de vida (Kidscreen).

Os resultados encontrados no nosso estudo indicam que as práticas parentais derivadas da dimensão Aceitação/Implicação criam adolescentes com uma percepção da vida mais positiva do que adolescentes criados em lares cujas práticas derivavam da dimensão Coerção/Imposição. Ou seja, os estilos caracterizados pelo afeto, disciplina, castigos não punitivos e consistência, são os que estão associados a um desenvolvimento mais positivo, o que por sua vez cria adolescentes equilibrados e adultos produtivos para a sociedade em que estão inseridos. Já os estilos que estão associados a características como, pouco diálogo, coerções físicas e pouco afeto tendem a influenciar os adolescentes de uma forma predominantemente negativa em todas as esferas da sua vida.

Palavras-chave: Estilos parentais, socialização parental, qualidade de vida percebida, adolescência.

ABSTRACT

Adolescence is the transitional stage between childhood and adulthood, characterized by several changes that represents troubled times to the teenager. In this sense , parenting practices can facilitate or hinder the process , since the parents are primarily responsible for the development of social skills , skills that are crucial for a good development. Thus, the aim of this study is to analyze the relationships between the different parenting practices and their relationship with the perception that adolescents have of their quality of life.. Participated in this study 249 students from five schools in the district of Faro, (53 % girls and 47 % boys) aged between 12 and 17 years of age ($M = 14.69$, $SD = 1.667$) . These students responded to three separate questionnaires intended to obtain information on sociodemographic data; parenting styles (ESPA) and quality of life (Kidscreen) .

The results of our study indicate that parenting practices derived from the dimension of Acceptance / Implication creates adolescents with more positive perceptions of life than adolescents raised in homes whose practices derived from the dimension of Coercion / Imposition. That is, the styles characterized by warmth, discipline , not punitive punishments and consistency , are those associated with a more positive development , which in turn creates balanced teenagers and adults productive for the society in which they live. As for the styles that are associated with features such as poor communication , physical punishment and little affection tend to influence teenagers from a predominantly negative in all spheres of your life.

Key-words: Parental Style, parental socialization, perceived quality of life, adolescents.

Índice Geral

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Índice Geral	iv
Índice de Figuras	vi
Índice de Tabelas	vii
Índice de Anexos	viii
I. Introdução	1
1.1. Práticas de Socialização	4
1.2. Estilos Parentais	5
1.3. Fatores que influenciam a parentalidade	8
1.4. Qualidade de Vida.....	9
II. Questões de Investigação e Objetivos do Estudo	14
2.1. Questões de Investigação	15
2.2. Objetivos do Estudo	15
III. Método	16
3.1. Desenho do Estudo	17
3.2. Participantes	17
3.3. Instrumentos.....	19
3.3.1. Questionário de Dados Sociodemográficos.....	19
3.3.2. Estilos de Socialização Parental na Adolescência - ESPA-29.....	19
3.3.3. Qualidade de Vida em Crianças e Adolescentes - Kidscreen-52	20
3.4. Procedimentos.....	21

3.4.1.Recolha de dados	21
3.4.2.Tratamento e análise de dados	22
IV. Resultados.....	24
4.1. Análise das Práticas Parentais	25
4.2. Análise das diferenças entre as Práticas do pai e as Práticas da mãe consoante o Sexo e a Idade dos Adolescentes	28
4.3. Análise da Perceção da Qualidade de Vida em Geral, com Amigos e na Escola consoante o Sexo e a Idade dos Adolescentes	30
4.4. Associação entre as Práticas Parentais e a Perceção da Qualidade de Vida.....	31
4.5. Influência das Práticas Parentais na Qualidade de Vida.....	33
V. Discussão dos Resultados.....	36
VI. Conclusões e Limitações do Estudo	43
VII. Referências Bibliográficas	47

Índice de Figuras

Figura 1: Distribuição da amostra em função da Nacionalidade.....	17
Figura 2: Estatuto Ocupacional dos pais	18
Figura 3: Habilitações literárias dos pais	18
Figura 4: Situação Conjugal	19

Índice de Tabelas

Tabela 1: Estatística descritiva das dimensões da ESPA	25
Tabela 2: Índices de correlação entre as subescalas da ESPA-Pai	26
Tabela 3: Índices de correlação entre as subescalas da ESPA-Mãe	26
Tabela 4: Índices de correlação das subescalas da ESPA do Pai e da Mãe.....	27
Tabela 5: Diferenças nas dimensões da ESPA em função do sexo	28
Tabela 6: Diferenças nas dimensões da ESPA em função da idade	29
Tabela 7: Análise descritiva da QVP Geral, QVP Amigos e QVP Escola.....	30
Tabela 8: Diferenças na QVP em função do sexo	30
Tabela 9: Diferenças na QVP em função da idade	31
Tabela 10: Índices de correlação entre as subescalas da ESPA e a QVP-Pai	32
Tabela 11: Índices de correlação entre as subescalas da ESPA e a QVP-Mãe	33
Tabela 12: Modelo de Regressão Hierárquica Múltipla da Qualidade de Vida- Pai.....	35
Tabela 13: Modelo de Regressão Hierárquica Múltipla da Qualidade de Vida- Mãe.....	35

Índice de Anexos

Anexo A: Pedido de Autorização ao Conselho Executivo da Escola

Anexo B: Pedido de Autorização aos Pais/Encarregados de Educação

I. Introdução

A adolescência, é uma das etapas mais marcantes do desenvolvimento humano, pois representa uma altura na vida dos jovens em que estes têm de fazer o luto pelos elementos da infância ao mesmo tempo que necessitam de adquirir ferramentas para viver no mundo adulto, contribuindo desta forma para uma fase turbulenta, em que estes já não são crianças mas também ainda não são adultos. No entanto, é-lhes exigido maior autonomia e tarefas relativas à socialização durante o processo de desenvolvimento. É desta forma, que a família, como primeiro e mais importante contexto de socialização contribui, auxiliando o adolescente na construção de padrões de comportamento que sejam aceites na sociedade a que este pertence (Reichert, 2006).

Mas, como todos os processos de mudança, estes exigem que todo o ambiente familiar se altere para se adequar às novas exigências e condutas do adolescente, de forma a prepará-lo para o ingresso na vida adulta. Neste sentido, os estilos parentais e a sua relação com a adaptação dos adolescentes é atualmente um tema relevante e amplamente estudado, porque o desenvolvimento das competências de socialização estão diretamente vinculadas com os estilos parentais adotados pelos pais e estes podem facilitar ou dificultar todo o processo (Reichert, 2006). Supõe-se assim, que a explicação para um desenvolvimento positivo na adolescência ou uma transição problemática tem a sua origem na qualidade da relação entre pais e adolescentes (Allen, Stuart, Hauser, O'Connor & Bell, 2002).

São vários os estudos que procuraram analisar a importância dos estilos parentais e das práticas parentais no desenvolvimento das crianças e adolescentes. É importante estudar o impacto que os pais têm sobre o desenvolvimento dos adolescentes e compreender qual o estilo que cria melhores resultados a nível da adaptação psicossocial do mesmo.

Tendo como referencial a problemática acima referida, a presente investigação pretende contribuir para uma melhor compreensão destas relações num grupo de adolescentes portugueses. Mais especificamente pretendemos verificar se existem diferenças sobre a perceção que os adolescentes têm das práticas parentais e da qualidade de vida em função do sexo e da idade e se as práticas às quais os pais tendem a recorrer mais frequentemente são influenciadas por certas características sociodemográficas, como as habilitações literárias e o estatuto profissional. Por fim, pretendemos verificar quais as práticas parentais que mais influência exercem sob a perceção que os jovens fazem da sua qualidade de vida. Participaram 249 adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos de idade.

Este estudo divide-se em duas partes principais: a revisão da literatura e o estudo empírico.

A revisão da literatura é constituída por quatro temas essenciais para a compreensão desta temática. O primeiro tema diz respeito às práticas de socialização, fazendo um pequeno enquadramento do conceito de práticas de socialização e a sua importância na atualidade.

O segundo tema, define o conceito de estilos parentais, descreve as suas dimensões e as repercussões destas para o desenvolvimento dos adolescentes.

O terceiro tema é dedicado à análise dos fatores que influenciam a parentalidade e a forma como estes definem os pais e a sua forma de educar.

O quarto e último tema define o construto de qualidade de vida e as implicações deste para a saúde dos adolescentes.

A segunda parte é dedicada ao estudo empírico que é constituído por três capítulos.

No capítulo II são explicadas as questões e os objetivos da presente investigação.

No capítulo III é descrito o método, que inclui a descrição dos instrumentos e os procedimentos, onde estão explicados a forma como foi feita a recolha, o tratamento e a análise dos dados.

No capítulo IV apresentam-se os resultados obtidos na investigação, os quais são analisados e discutidos no capítulo V.

Por fim, no capítulo VI são apresentadas as conclusões do estudo, as suas limitações e propostas para futuras investigações.

1.1. Práticas de Socialização

As práticas parentais ou práticas de socialização “são um processo de aprendizagem informal e inconsciente, em que através de um processo complexo de interações a criança assimila conhecimentos, atitudes, valores, costumes, necessidades, sentimentos e outros padrões culturais que caracterizam para toda a sua vida o seu estilo de adaptação ao ambiente” (Musitu & García, 2004).

De acordo com Arnett (1995) a socialização é um sistema de relações sociais pelo qual é transmitida a cultura e que acaba por ser integrada na personalidade do indivíduo, através de condutas e crenças. Desta forma, as práticas de socialização definem as oportunidades e os limites do que é desejado e os comportamentos que são socialmente aceites e recompensados (Musitu & García, 2004).

As práticas de socialização, são desta forma a principal responsabilidade das famílias e da sociedade, sendo que, a forma como as famílias conseguem alcançar este objetivo varia não só entre as culturas como entre as famílias. Devido à importância deste processo de socialização, tanto para a criança como para a sociedade onde esta está integrada, existem três objetivos fundamentais para que este seja de sucesso, segundo Musitu e García (2004).

Primeiro, para as crianças aprenderem que não podem agir sempre como desejam, caso contrário podem sofrer consequências físicas e sociais graves, é fundamental educá-las a ter um controlo sobre os seus impulsos ao mesmo tempo que desenvolvem a sua consciência. Esta capacidade de auto regulação, é normalmente estabelecida na infância através da aprendizagem social, isto é, através da observação de modelos, como os pais, irmãos ou outros de referência (Musitu & García, 2004). As crianças têm assim como função essencial a necessidade de aprenderem a controlar o seus impulsos e adiar a gratificação que poderiam obter se o satisfizessem. Já dos adultos, espera-se que estes, além de controlarem os seus impulsos, saibam também expressá-los de uma forma que seja socialmente aceite. Se estas condições, de auto regulação e controlo dos impulsos não forem conseguidas na infância, há uma maior probabilidade de existirem problemas nas áreas das relações sociais, da estabilidade emocional, do sucesso profissional e da conduta delinvente durante a adolescência e adultez (Musitu & García, 2004).

Segundo, o indivíduo tem de se preparar e executar papéis sociais que são esperados pela sociedade que este realize ao longo da sua vida. Na infância é previsto que a criança aprenda o seu papel de género e a sua função nos vários contextos da sua vida, como no contexto familiar e escolar. Na adolescência, é esperado que os jovens assimilem o seu papel

nas relações amorosas e tenham uma experiência mais intensa para o papel que irão desempenhar na adultez. Na adultez, além da preparação já lhes é exigido a execução de papéis pré estabelecidos pela sociedade, bem como casamento, paternidade, profissão e outros que surgem naturalmente durante o curso de vida (Elder, Johnson & Crosnoe, 2004).

Terceiro e último objetivo fundamental para um processo de socialização de êxito, é a criação de fontes de significado, sendo que estas tendem também a variar de cultura para cultura. Todos os indivíduos devem desenvolver fontes de significado, pois estas têm um papel determinante em fornecer estrutura e sentido à vida. Geralmente, estas fontes são encontradas de forma natural através dos processos de socialização e da influência cultural (Musitu & García, 2004).

Resumindo, os processos de socialização têm incutidos em si fortes influências culturais que formatam as crianças, adolescentes e jovens a agir de forma adequada perante os outros. É através destes que o sujeito aprende o que esperam dele e o que ele pode esperar da sociedade. O sucesso deste processo vai depender não só da vivência e da adaptação da criança, mas da contribuição que esta possa ter no futuro para a comunidade onde está inserido (Musitu & García, 2004).

Desta forma, é de salientar que a família é um grupo de socialização por excelência, onde estas práticas de socialização se desenvolvem através de funções psicológicas, funções de inter-relação com os seus membros e funções básicas de organização social. Neste sentido, as práticas de socialização são o principal eixo da vida familiar e do contexto sociocultural (Musitu & García, 2004).

1.2. Estilos Parentais

Os estilos parentais são uma dimensão mais estável comparativamente às práticas de socialização, pois dizem respeito a um padrão global de características da interação entre pais e filhos, criando um ambiente onde os comportamentos dos pais são expressos (Darling & Steinberg, 1993). Isto é, envolvem características específicas da cultura familiar, como a dinâmica da comunicação, apoio emocional, crenças, valores e o tipo de hierarquia das funções e papéis familiares (Pacheco, Silveira & Schneider, 2008).

Num contexto cultural mais próximo a Portugal, Musitu e Garcia (2004) através da construção da sua escala, Estilos de Socialização Parental na Adolescência (ESPA 29), agruparam os estilos parentais em quatro categorias: Firme, Indulgente, Autoritário e

Negligente, através de duas dimensões: Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição (Musitu & García, 2004).

A Aceitação/Implicação, é um relacionamento entre pais e filhos que supõe manifestações de aprovação e aceitação quando a criança cumpre com as normas de funcionamento familiar. Desta forma, o estilo destes pais será de Aceitação/Implicação, pois expressam reações de aprovação e afeto quando os filhos se comportam de acordo com as normas familiares. As crianças vão desenvolvendo a sua autonomia e um elo de ligação com os progenitores, porque existe uma base segura que o permite.

É uma dimensão caracterizada por uma forma de atuação que se reflete tanto em situações que sejam concomitantes com o funcionamento familiar como em situações que vão contra as normas da mesma. Esta dimensão relaciona-se positivamente com o afeto e carinho, quando a criança age de acordo com as normas da família e negativamente com a indiferença quando esta não as respeita. Relaciona-se também, positivamente com o diálogo, e negativamente com a displicência, quando a criança quebra as normas (Musitu & García, 2004).

Já a Coerção/Imposição, é um estilo de socialização normalmente utilizado em situações onde os filhos quebram as regras de funcionamento familiar, portanto tem como objetivo anular essas condutas inadequadas, através da proibição, coerção verbal e física. Estas estratégias são aparentemente mais eficazes que o diálogo e a comunicação, no entanto, conduzem a consequências negativas, porque têm uma grande carga emocional que pode provocar ressentimento nos filhos e aumentar os problemas de conduta, especialmente quando são utilizadas punições físicas. Além disso, é uma estratégia que, apesar de ser bastante eficaz no momento, só resulta com a presença de uma figura com autoridade, porque não é acompanhada pelo diálogo e o controlo (Musitu & García, 2004).

O estilo parental firme, caracteriza-se por altos níveis de Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição. Os pais com este estilo, tal como os indulgentes, são os que apresentam melhores níveis de comunicação e são capazes de aceitar os argumentos dos filhos. Utilizam com mais frequência a razão em vez da coerção utilizando também mais o diálogo em vez da imposição. No entanto, quando os filhos têm comportamentos incorretos estes pais distinguem-se dos indulgentes, porque não só utilizam o diálogo como também as coerções físicas, verbais e privações. Estes pais, demonstram um equilíbrio na relação com os seus filhos (Musitu & García, 2004).

O estilo parental indulgente, caracteriza-se por uma alta Aceitação/Implicação e baixa Coerção/Imposição. Estes pais, tal como os pais com o estilo parental firme, também têm uma

boa comunicação com os filhos, recorrendo mais à razão do que a outras técnicas. No entanto, a diferença destes pais relativamente aos pais com um estilo parental firme, é que estes consideram que através da razão e do diálogo conseguem inibir os comportamentos menos adequados dos filhos, pois vêem os seus filhos como pessoas capazes de se auto-regularem, logo não recorrem tanto às coerções e imposições (Musitu & García, 2004).

O estilo parental autoritário, caracteriza-se por baixa Aceitação/Implicação e alta Coerção/Imposição. Estes pais tornam-se bastante exigentes e pouco atentos e sensíveis às necessidades e desejos dos filhos. A comunicação tende a ser unilateral e bastante desaprovadora, ou seja, a opinião dos filhos não são tidos em conta. Quando estes dão uma ordem, não explicam a razão aos filhos, esperando apenas que estes obedeçam, criando desta forma um ambiente onde não existe diálogo. Recorrem bastante a medidas punitivas e não tendem a modificar as suas posições perante os argumentos expostos pelos filhos. Os pais com este estilo parental não têm interações positivas com os filhos e são de uma forma geral, indiferentes às necessidades de apoio e atenção que estes necessitam. Por outro lado, quando os seus filhos têm comportamentos adequados, estes pais agem de forma indiferente não utilizando qualquer tipo de medidas de reforço positivo. Este estilo parental, juntamente com estilo negligente, é o que tem um índice de expressão de afetividade mais baixa (Musitu & García, 2004).

Os adolescentes provenientes deste tipo de ambiente familiar têm uma maior propensão para se sentirem ressentidos com as suas figuras parentais, apresentarem um baixo auto conceito e auto estima, maior insegurança e maior probabilidade de sofrerem de uma angústia internalizada, aliado ainda a uma conceção familiar e escolar muito baixa (Martínez & Garcia, 2007). Todos estes fatores são consequência de uma exposição continuada a um ambiente familiar opressor e inadequado para um bom desenvolvimento psicossocial (Musitu & García, 2004).

O estilo parental negligente, caracteriza-se por baixa Aceitação/Implicação e baixa Coerção/Imposição. Este estilo é baixo, tanto no afeto, como na coerção e consequentemente, nos limites. A falta de limites é refletida na falta de supervisão, controlo e apoio. Estes pais deixam os seus filhos ao cuidado de si mesmos, quer no que diz respeito às suas necessidades físicas quer no que diz respeito às suas necessidades psicológicas, privando-os de necessidades essenciais em qualquer desenvolvimento saudável como o afeto, o apoio e a supervisão. Neste tipo de ambiente, o diálogo sobre as condutas adequadas, ou sobre decisões familiares é inexistente, mesmo quando os filhos se comportam de forma correta. O mesmo acontece quando estes transgridem as regras. É um estilo que não responde às necessidades

dos filhos e portanto inadequado para o seu desenvolvimento. Os pais são indiferentes aos filhos e por isso não há uma relação entre progenitores e filhos (Musitu & García, 2004).

As consequências deste estilo sobre o desenvolvimento dos adolescentes é predominantemente negativo, quer a nível pessoal, social ou académico.

A nível pessoal e social, estes adolescentes tendem a ser teimosos, envolvem-se em discussões com maior frequência, são mais impulsivos, agressivos e ofensivos e têm maior tendência para mentir e enganar os outros, bem como envolverem-se em atos delinquentes, comparativamente aos adolescentes educados num ambiente familiar em que predominavam os três estilos parentais supracitados. A nível académico, estes adolescentes têm fracos resultados escolares o que se vai repercutir no futuro em termos profissionais (Musitu & García, 2004). Mais do que os efeitos visíveis descritos acima, é importante fazer referência aos efeitos psicológicos e emocionais que poderão estar na sua origem, tais como: medo do abandono, falta de confiança nos outros, pensamentos suicidas, baixa auto estima, ansiedade e baixas capacidades de interagir de uma forma saudável com os outros (Darling & Steinberg, 1993).

1.3. Fatores que influenciam a parentalidade

É então necessário verificar quais os fatores que influenciam a parentalidade, pois sabe-se que esta é o resultado da interação de vários elementos (Belsky, 1984).

Neste sentido, têm sido desenvolvidos vários modelos que pretendem explicar os determinantes dos estilos parentais (Abidin, 1992). Entre eles, a Teoria de Abidin (1976), a Teoria de Belsky (1984) e a Teoria de Patterson (1990).

O modelo de Abidin (1976), defendia que o stress era o principal causador de comportamentos parentais disfuncionais. Para este autor, as fontes de stress poderiam ser oriundos de: problemas conjugais, falta de apego parental, restrições de papel, problemas de saúde dos pais e características da própria criança. No entanto, este autor veio a descobrir que mesmo havendo baixos níveis de stress, existiam à mesma comportamentos parentais disfuncionais, sendo que esses comportamentos podem resultar do desapego por parte dos pais que por sua vez vai fazer com que haja pouca supervisão parental (Abidin, 1992).

O modelo de Patterson (1990), apresenta alguns comportamentos parentais que provocam condutas anti-sociais e agressivas por parte das crianças, demonstrando um padrão de comportamento que vai escalando. Como exemplo, a criança é desobediente perante uma ordem do pai, este vai aplicar um castigo inadequado ao comportamento que o filho acabou

de ter, a criança vai-se sentir injustiçada e vai-se comportar pior ainda o que por sua vez faz com que o pai seja ainda mais severo e assim sucessivamente (Abidin, 1992).

Salientando a Teoria de Belsky, sobre os determinantes da parentalidade, observamos que este autor presumiu que o funcionamento parental é influenciado por três determinantes principais: as origens ontogenéticas e as capacidades psicológicas dos pais, as características das crianças e as fontes contextuais de stress e de suporte (Belsky, 1984).

Assim, este modelo assume que a parentalidade é diretamente influenciada pela personalidade dos pais, pelas características dos filhos e pelo contexto que abrange a relação entre pais e filhos, como as relações maritais, a profissão e a rede social (Belsky, 1984). Belsky (1984) no seu modelo, refere ainda que a história desenvolvimental dos pais, a relação marital, a rede social e a profissão, influenciam a personalidade e o bem-estar dos pais, isto por sua vez, vai afetar a forma como os pais vão educar, e a forma como estes educam vai influenciar o desenvolvimento da criança.

Este autor verificou ainda que estes determinantes não influenciam de igual forma o funcionamento parental, pois a história desenvolvimental dos pais e a sua personalidade moldam de forma indireta os estilos parentais. Isto porque, estes fatores vão primeiramente influenciar os contextos que abrangem a relação pai-filho, como a relação marital, a rede social e a profissão (Belsky, 1984).

1.4. Qualidade de Vida

Em 1948, a Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu pela primeira vez a saúde numa perspetiva multidimensional, em que esta é um estado de completa satisfação física, mental e social. Surge assim, um novo conceito de saúde, em que estar saudável não é apenas a ausência de estar fisicamente doente (Huebner *et al.*, 2004). Assim, iniciou-se uma visão mais positiva sobre a saúde, focando-se em indicadores da Qualidade de Vida (Huebner *et al.*, 2004).

Mais recentemente, a Organização Mundial de Saúde (1995) definiu qualidade de vida como sendo a perceção que o próprio indivíduo tem da posição que ocupa na sociedade, do seu sistema de valores, objetivos, expectativas, padrões e preocupações (Fleck *et al.*, 2000).

Segundo Almeida, Gutierrez e Marques (2012) a qualidade de vida refere-se ao modo como as pessoas vivem, sentem e compreendem a sua vida abrangendo áreas como a saúde, educação, transporte, habitação e trabalho.

O conceito de qualidade de vida tem provado a sua complexidade quando se tenta defini-la ou medi-la, pois é um construto que está muito relacionado com as experiências de vida de cada indivíduo o que por si representa uma grande subjetividade. Não obstante, várias metodologias, objetivas e subjetivas, têm sido criadas para avaliar a qualidade de vida (Huebner *et al.*, 2004).

São vários os autores que têm feito o esforço de reconhecerem os adolescentes como indivíduos ativos das suas próprias vidas e na sociedade em que estão inseridos. Estes esforços têm contribuído para que novos modelos surgissem e examinassem a qualidade de vida como um construto que envolve uma série de elementos, como o *stress*, o *coping*, a auto estima, o bem estar e o ajustamento psicossocial e não apenas como uma questão de nível de vida. Para que assim, fosse possível que o adolescente avaliasse a sua própria qualidade de vida, através da perceção deste sobre a sua auto estima, bem estar, *stress*, *coping* e ajustamento psicossocial (Gaspar & Matos, 2008).

Segundo DiClemente *et al.* (2001) o período da adolescência é uma fase repleta de mudanças que podem apresentar-se como difíceis e conturbadas para o jovem. É um estágio do desenvolvimento que é carregada de ameaças à saúde e bem estar dos adolescentes, podendo conduzir a graves prejuízos e incapacidades para a sua vida.

Sabe-se então, que a saúde dos adolescentes é fortemente afetada por fatores que os rodeiam no seu dia a dia, sejam eles fatores pessoais, familiares, comunitários ou mesmo culturais.

Viner *et al.* (2012) afirma que os fatores que mais contribuem para a saúde dos jovens e para o seu bem estar são os fatores estruturais, ou seja, todos aqueles que originam o estatuto social, tais como, a economia global, nacional e os sistemas políticos, sociais e educacionais. Estes por sua vez dão origem aos fatores conhecidos como fatores proximais ou intermediários, que são todos os acontecimentos/ experiências do dia a dia do adolescente, desde a qualidade do seu ambiente familiar até à relação com os pares, desde as condições de habitação até ao acesso à educação. Portanto se estas esferas representarem uma rede de suporte e segurança para o adolescente, vão contribuir e muito para o desenvolvimento pleno das suas capacidades (Viner *et al.*, 2012).

Estes fatores são originados e influenciados pelo estatuto social que é resultado dos fatores estruturais, culturais, religiosos e comunitários (Viner *et al.*, 2012). Ou seja, o adolescente é o resultado de uma série de fatores derivados de vários domínios da sua vida, que o moldam e estabelecem as diferenças individuais.

A qualidade de vida é um aspeto bastante importante na vida dos adolescentes, esta é determinada de acordo com os critérios que cada um estabelece, tendo esses critérios pesos diferentes, ou seja, um adolescente pode atribuir maior importância à situação académica enquanto outro à sua vida social. Esses critérios são influenciados por aspetos biológicos, sociais e familiares. Desta forma, a percepção que os adolescentes têm acerca da sua qualidade de vida, vai depender do quanto a sua vida preencheu esses mesmos critérios (Coccia *et al.*, 2010).

Segundo Saha, Huebner e Suldo (2009) os adolescentes reportam níveis de satisfação superiores aos reportados pelos adultos sendo que estes níveis não se relacionam de forma significativa com o género, raça ou estatuto socioeconómico do adolescente.

Já no estudo de Huebner *et al.* (2004), este afirma que o género tem um papel importante na percepção que o adolescente faz da qualidade de vida. As raparigas reportam maiores níveis de satisfação no que diz respeito aos amigos, escola e auto estima quando em comparação com os rapazes.

Existem inúmeros fatores que provocam, durante o desenvolvimento dos adolescentes, extrema ansiedade (pressão académica, pressão dos pares, a crescente independência dos pais, o aumento das responsabilidades) e que contribuem para sentimentos negativos, como alienação, *stress* e insatisfação (Coccia *et al.*, 2010).

Os baixos níveis de satisfação com a vida tem um forte impacto em vários domínios da vida do adolescente: saúde, social, relações inter e intra pessoais.

No que concerne à saúde física dos adolescentes, os baixos níveis de satisfação com a vida parecem estar associados com percepções inapropriadas relacionadas com o peso e comportamentos alimentares (Valois, Zullig, Huebner & Drane, *cit in* Saha, Huebner & Suldo 2009) adoção de comportamentos de risco como, abuso de álcool e drogas (Georgiades & Boyle, 2007; Zullig *et al.*, 2001 *cit in* Saha, Huebner & Suldo 2009) práticas sexuais de risco (Valois *et al.*, *cit in* Saha, Huebner & Suldo 2009) e maior propensão para o uso de violência (Valois *et al.*, *cit in* Saha, Huebner & Suldo 2009).

Saha, Huebner e Suldo (2009) relativamente à saúde mental descobriram que os estudantes com baixos níveis de satisfação tinham maior tendência de apresentar sintomas associados à depressão, ansiedade, somatização, delinquência e violência quando comparados com estudantes que apresentavam elevados níveis de satisfação.

Por sua vez, os estudantes com elevados níveis de satisfação com a vida têm tendência para serem mais saudáveis, apresentarem maior auto estima, esperança e reportarem elevados níveis de auto eficácia (Saha, Huebner & Suldo 2009).

No que diz respeito ao domínio social, estudantes que apresentavam satisfação com a sua qualidade de vida tinham uma personalidade mais extrovertida, sentimentos de auto-eficácia e maior conhecimento sobre si mesmos, o que contribuía para uma atitude positiva baixando os níveis de *stress* relativamente à vida social (Saha, Huebner & Suldo 2009).

Todos estes fatores encontrados nos estudantes com altos níveis de satisfação, influenciam positivamente as relações com os pais, com os pares e com as restantes pessoas. Mas as investigações apontam que é na relação entre pais e filhos que se tem o melhor preditor dos níveis de satisfação com a vida apresentados pelos adolescentes (Saha, Huebner & Suldo 2009).

É no contexto familiar que as crianças e os adolescentes se desenvolvem e são influenciados pelas pessoas significativas desse contexto, especialmente pelas características dos pais (Gaspar, Matos, Ribeiro & Leal, 2006).

Assim sendo, a esfera familiar (características, educação e funcionamento) está fortemente relacionada com o bem estar socioemocional do adolescente. Comportamentos como, a responsividade às necessidades da criança, a perceção de competência parental, o investimento, uma comunicação aberta, as relações afetivas, o uso apropriado do reforço positivo, a supervisão e monitorização parental são atitudes parentais que promovem comportamentos socialmente adequados na infância e na adolescência (Gaspar *et al.*, 2006).

As relações emocionais e sociais que as crianças formam na infância têm um forte impacto no seu desenvolvimento e também na satisfação com a vida, o que por sua vez afeta a forma como os adolescentes percepcionam a qualidade da mesma (Martínez, Garcia & Yubero, 2007).

Estudos indicam que a perceção que o adolescente tem da qualidade da relação entre este e os pais está positivamente relacionada com a perceção que o adolescente tem da sua qualidade de vida, ou seja, se a relação entre o adolescente e os pais for positiva, assim será a sua perceção sobre a sua vida, o mesmo acontece se a relação entre o adolescente e os pais for negativa (Saha, Huebner & Suldo 2009).

Atualmente existe uma tendência social, que tem vindo a influenciar o estilo parental e a perceção que os adolescentes têm da sua vida. Os pais têm vindo, cada vez mais a aplicar o estilo indulgente na educação dos seus filhos, apelando à razão e ao diálogo, pois vêem os seus filhos como pessoas capazes de se auto-regularem. A indulgência consiste no ato de dar demasiado, isto é, dar ou permitir o uso de demasiados recursos, ou seja, permitir que os filhos comam demais, vejam demasiada televisão, tenham muita liberdade ou tenham demasiado carinho, não estabelecem regras nem consequências (Coccia *et al.*, 2010).

Este estilo parental, por fazer ou dar demasiado, acaba por impedir que os adolescentes desenvolvam em si o sentido de competência, levando-os a experimentar sentimentos de confusão, tristeza, ansiedade e culpa. Estes sentimentos são ativados, quando, ao se compararem com jovens da mesma faixa etária se apercebem que não são capazes de fazer as mesmas coisas que os outros conseguem, como gerir ou tomar decisões dos quais os seus amigos aparentam não ter qualquer dificuldade (Coccia *et al.*, 2010).

Petito e Cummins (2000, *cit in* Saha, Huebner & Suldo 2009) na sua investigação confirmam que o suporte parental não é tão essencial quanto o controlo parental. Adolescentes que avaliaram os pais com o estilo parental firme obtiveram maiores níveis de satisfação com a vida do que os adolescentes que consideravam os pais negligentes.

De uma forma geral, as conclusões das investigações realizadas sobre a qualidade de vida percebida pelos adolescentes e a sua relação com os estilos parentais são similares. Os pais com o estilo parental firme educam adolescentes com maior auto estima, melhor satisfação com a vida e menos probabilidades de desenvolverem sintomas depressivos (Milevsky, Schlechter, Netter & Keehn, 2007).

II. Questões de Investigação e Objetivos do Estudo

II. Questões de investigação e objetivos do estudo

O principal objetivo é analisar as relações entre as diferentes práticas parentais e a sua relação com a percepção que os adolescentes têm da sua qualidade de vida.

Mais especificamente, pretendemos explorar as relações que as práticas parentais têm com a qualidade de vida no geral e com algumas dimensões específicas relacionadas com a escola e os amigos.

2.1. Questões de investigação

2.1.1. Existem diferenças sobre a percepção das práticas parentais e da qualidade de vida percebida em função do sexo e da idade dos adolescentes?

2.1.2. Existem diferenças nas práticas parentais em função das características sociodemográficas dos pais?

2.1.3. Quais as práticas parentais que estão associadas a uma melhor percepção da qualidade de vida?

2.2. Objetivos do estudo

- a. Avaliar se existem diferenças significativas entre as práticas parentais dos pais e as práticas parentais das mães.
- b. Avaliar se existem diferenças significativas na percepção das práticas parentais em função do sexo e idade dos adolescentes.
- c. Avaliar se existem diferenças significativas na percepção da qualidade de vida dos adolescentes em função do sexo e idade dos adolescentes.
- d. Avaliar quais as práticas parentais que têm maior impacto sobre a qualidade de vida em geral, com os amigos e na escola.

III. Método

3.1. Desenho do Estudo

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e correlacional.

3.2. Participantes

Foi utilizada uma amostragem de conveniência em cinco escolas do Distrito de Faro. Participaram no presente estudo 249 alunos, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos de idade ($M = 14,69$; $DP = 1,67$) dos quais 53% raparigas e 47% rapazes.

Relativamente à sua nacionalidade, 84,7% eram portuguesas, 5,6% da Europa de Leste, 1,2% do Brasil e 8,4% de nacionalidades não especificadas (Figura 1).

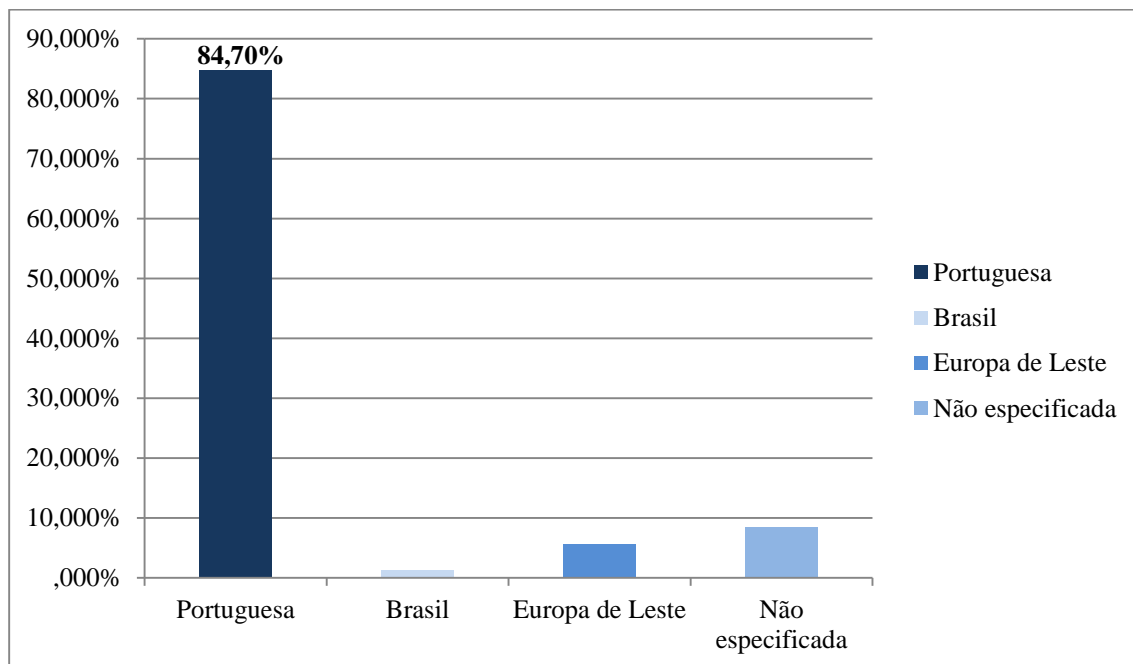


Figura 1. Distribuição da amostra em função da Nacionalidade

No que concerne ao estatuto ocupacional, 85,10% dos pais e 77,60% das mães estavam empregados (Figura 2).

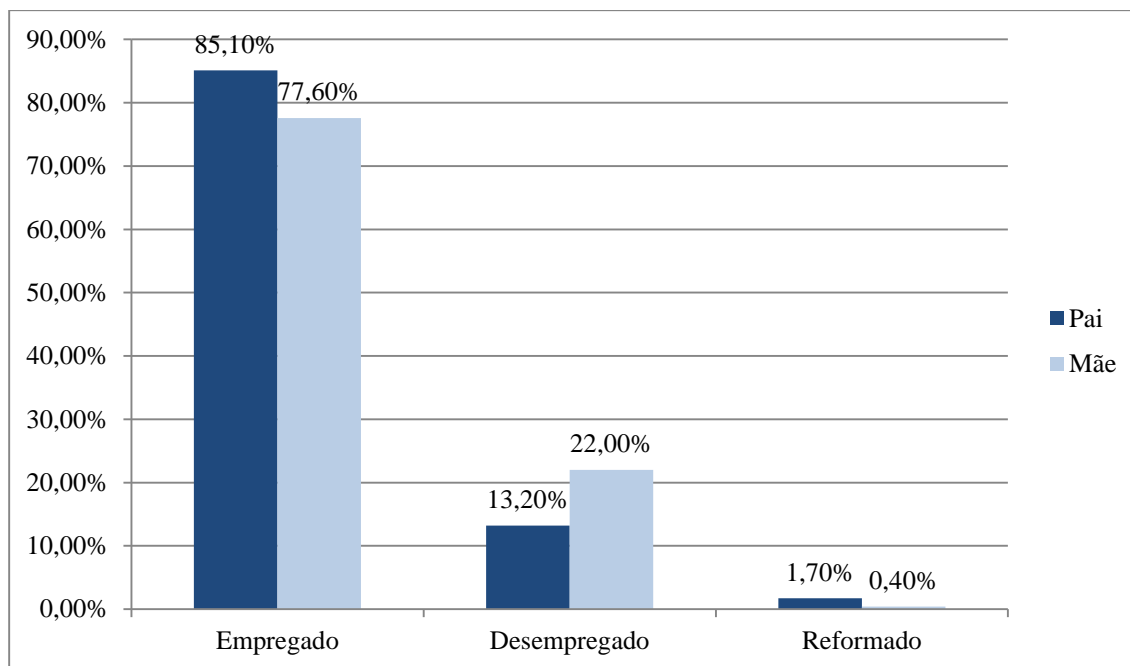


Figura 2. Estatuto Ocupacional dos pais

No que concerne às habilitações literárias dos pais, 59,10% estava entre o 2º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário e 62,20% das mães tinha entre o 2º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário terminado (Figura 3).

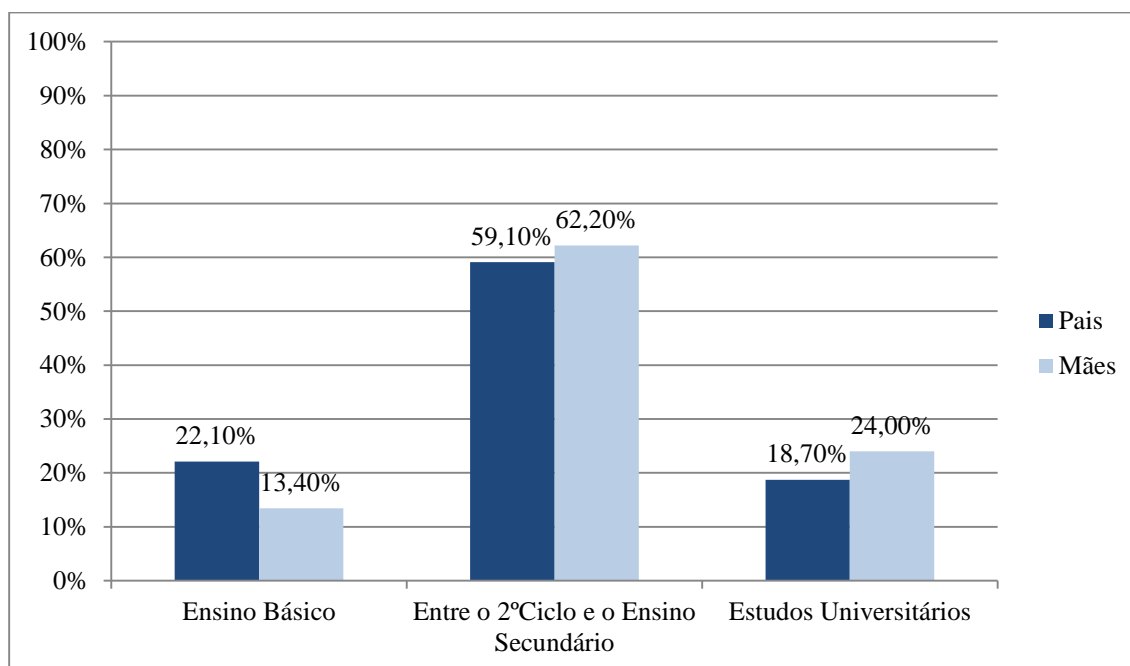


Figura 3. Habilitações Literárias dos pais

A situação conjugal de 73,20% dos casais correspondia à união de facto ou ao casamento (Figura 4).

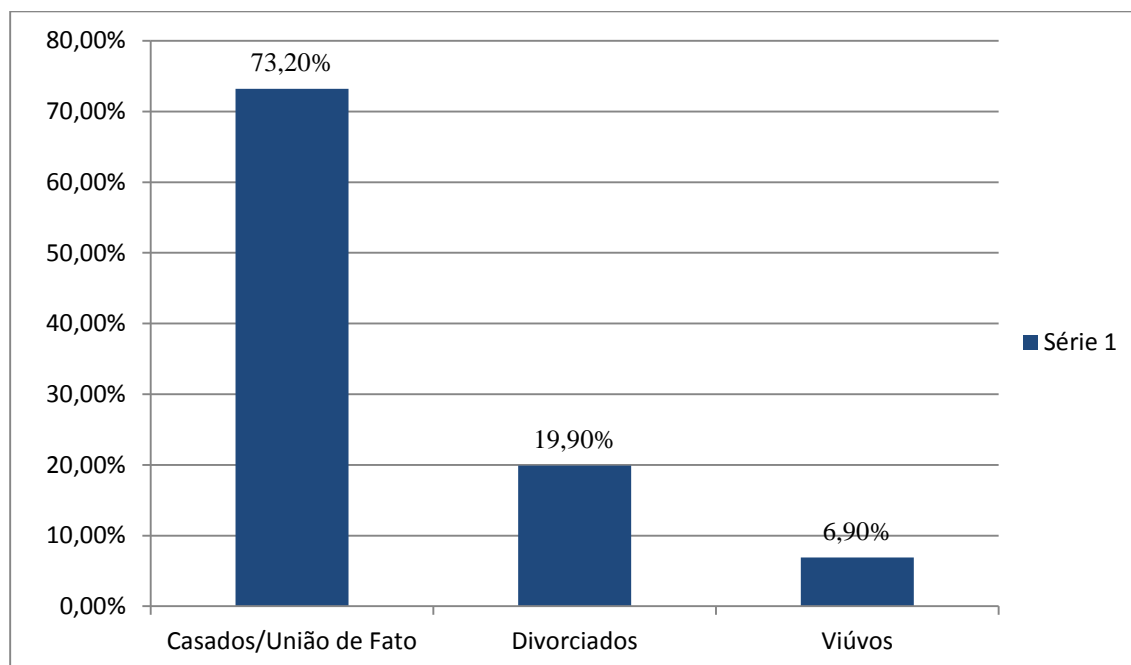


Figura 4. Situação Conjugal

3.3. Instrumentos

3.3.1. Questionário de dados Sociodemográficos. Foi construído um questionário *ad hoc* que recolhe informação referente ao sexo, idade, localidade e ano de escolaridade dos participantes bem como informação relativa à sua família (idade dos pais, profissão, estatuto ocupacional, nível de escolaridade, situação conjugal e número de irmãos).

3.3.2. Estilos de Socialização Parental na Adolescência, ESPA-29 (Musitu & García, 2004). Este instrumento tem como finalidade avaliar os estilos de socialização parental em várias situações representativas da cultura ocidental, a partir de duas dimensões principais: a Aceitação/Implicação e a Coerção/Imposição. Para tal utilizámos a versão portuguesa de Nunes et al. (2015).

Esta escala pode ser aplicada de forma individual ou coletiva a adolescentes com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, sendo a sua aplicação de aproximadamente 20 minutos.

O adolescente tem de avaliar separadamente a atuação do pai e da mãe em 29 situações diferentes, da qual se obtém uma medida global para cada dimensão, Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição. A dimensão referente à Aceitação/Implicação diz respeito a uma relação entre pais e filhos que supõe manifestações de aprovação e aceitação quando a criança cumpre com as normas de funcionamento familiar. A dimensão Coerção/Imposição refere-se a um estilo de socialização normalmente utilizado em situações onde os filhos quebram as regras de funcionamento familiar, portanto tem como objetivo anular essas condutas inadequadas, através da proibição, coerção verbal e física.

Desta forma, a dimensão Aceitação/Implicação é formada por 4 subescalas: Afeto; Indiferença; Diálogo e Disciplina. A dimensão Coerção/Imposição é constituída pelas subescalas privação, coerção verbal e coerção física (Musitu & García, 2004).

Por exemplo: “Se obedeco ao que me manda” ou “Se não estudo ou não quero fazer os trabalhos de casa que me mandam da escola”), obtendo uma medida global para cada figura parental (ex: “Mostra-me carinho”; “Mostra-se indiferente”; “Fala comigo”; “Não liga”; “Discute comigo”; “Bate-me” ou “Priva-me de algo”).

A partir das pontuações obtidas nestas duas dimensões, caracteriza-se o estilo de socialização de cada pai como: autoritário, negligente, firme e indulgente. Das 29 situações acima referidas, 16 são negativas (em desacordo com as normas da família) e 13 são positivas (correspondem às situações que estão em conformidade com as regras familiares), sendo que nas situações positivas a criança tem 32 possibilidades de resposta enquanto nas situações negativas tem 80. Estas respostas são dadas numa escala de 1 a 4 (1-Nunca, 2-Algumas vezes, 3- Muitas vezes e 4-Sempre).

No presente estudo, todas as subescalas apresentaram elevados níveis de consistência interna (.88 a .93).

3.3.3. Qualidade de vida em crianças e adolescentes, Versão Portuguesa do *Kidscreen-52* (Gaspar & Matos, 2008).

O *Kidscreen* é um instrumento transcultural que foi desenvolvido pela Comissão Europeia com base no Projeto Europeu “*Screening and Promotion for Health-Related Quality of Life in Children and Adolescents - A European Public Health Perspective*”. A tradução e adaptação ao português foi realizada pela equipa do Projeto Aventura Social (Gaspar e Matos, 2008).

É um questionário de autopreenchimento que tem como objetivo medir a saúde geral associada à qualidade de vida de crianças e adolescentes. As idades de aplicação vão desde os 8 e 18 anos de idade existindo também uma versão para os pais. O tempo de aplicação varia

entre os 20 e os 30 minutos e as questões estão relacionadas com acontecimentos ocorridos na semana anterior ao preenchimento.

O *Kidscreen* tem 10 dimensões que descrevem a Qualidade de Vida Relacionada com a Saúde (QVRS), sendo elas: **Saúde e Atividade Física**, com 5 itens (ex: “Em geral como descreves a tua saúde?”); **Sentimentos** (ex:”Pensa na última semana, a tua vida tem sido agradável?”), que tem 2 itens; **Estado de Humor Geral** (ex:”Sentiste que fizeste tudo mal?”), 7 itens; **Auto-perceção** (ex:”Sentiste-te feliz com a tua maneira de ser?”), 5 itens; **Tempo Livre** (ex:”Tiveste tempo suficiente para ti próprio?”), 5 itens; **Família e Ambiente Familiar** (ex:”Os teus pais compreendem-te?”), 6 itens; **Questões Económicas** (ex:”Tiveste dinheiro suficiente para fazeres as mesmas atividades que os teus amigos?”) 3 itens; **Amigos** (ex:”Passaste tempo com os teus amigos?”), 6 itens; **Ambiente Escolar e Aprendizagem** (ex:”Sentiste-te feliz na escola?”) 6 itens; **Provocação** (ex:”Tens sentido medo de outros rapazes ou raparigas?”), 3 itens.

As respostas são dadas numa escala que compreende entre: 1=Nada; 2=pouco; 3=moderadamente; 4=muito; 5=extremamente.

A consistência interna das dimensões do *Kidscreen* variou entre 0,60 (Auto-perceção) e 0,88 (Questões Económicas), com um valor global médio de 0,80 o que confirma a elevada consistência interna desta escala.

3.4. Procedimentos

3.4.1. Recolha de dados

- Para a recolha dos dados foram utilizados três instrumentos de autorresposta, um *Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares* (QDSDF), a versão portuguesa de Nunes e colaboradores (2015) da *Escala de Estilos de Socialização Parental na Adolescência* (ESPA29) de Musitu & García (2001, 2004) e o *Questionário sobre a Qualidade de vida em crianças e adolescentes*, (KIDSCREEN-52) (Gaspar & Matos, 2008).

Num primeiro momento, foi solicitada autorização aos Conselhos Executivos das escolas selecionadas, onde os instrumentos foram administrados (Anexo A).

Posteriormente, foi enviada, através do diretor de turma, uma carta aos pais (Anexo B), para lhes solicitar o consentimento informado. Nesta carta eram explicados os objetivos, métodos e procedimentos do estudo, pelo que após a sua obtenção, os dados foram recolhidos.

Esta foi realizada em contexto de sala de aula com a presença da investigadora, em horário previamente combinado com os diretores de cada turma.

Antes da aplicação dos questionários, foram explicados os objetivos do projeto e salientou-se a natureza anónima e confidencial das respostas dadas nos questionários conforme explicitado no Consentimento Informado. Da mesma forma, foi-lhes igualmente esclarecido a possibilidade de se recusarem ou desistirem de participar sem quaisquer consequências negativas para si. Foram excluídos os sujeitos com menos de 10 e mais de 19 anos de idade. De uma forma geral, o preenchimento dos instrumentos decorreu sem dificuldades e demorou cerca de 60 minutos.

Os dados do presente estudo foram recolhidos por vários colaboradores no âmbito de um projeto coordenado pela Doutora Cristina Nunes.

3.4.2. Tratamento e análise dos dados

O tratamento dos dados foi feito com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS (versão 22).

Numa primeira fase, realizou-se a análise descritiva dos dados em que se descreveu o tamanho da amostra e a distribuição das percentagens. Para as variáveis quantitativas analisou-se o tamanho da amostra, os valores mínimos e máximos, a média e o desvio padrão.

Na segunda fase, procedeu-se à análise das práticas parentais e a associação entre elas, associações entre as práticas parentais o sexo e a idade e as práticas parentais com as variáveis sociodemográficas. Por fim procedeu-se à análise das práticas parentais e a qualidade de vida percebida no geral, qualidade de vida percebida com os amigos e na escola.

De acordo com os objetivos pretendidos, foram utilizados os seguintes recursos:

1. Medidas descritivas;
2. Gráficos de barras;
6. Coeficientes de correlação de *Pearson*: sempre que se pretendeu explorar a associação existente entre duas variáveis quantitativas.
7. Coeficientes de correlação de *Spearman*: sempre que se pretendeu explorar a associação existente entre uma variável qualitativa (ordinal) e outra quantitativa.

Na terceira e última fase para analisar a variância da qualidade de vida explicada pelas práticas parentais procedemos à realização de um modelo de regressão hierárquica múltipla com o fim de verificar quais as variáveis que prediziam a qualidade de vida e qual o poder explicativo destas.

IV. Resultados

4.1. Análise das Práticas Parentais

Em primeiro lugar apresentamos as medidas de tendência central obtidas nas sete subescalas da ESPA: afeto, diálogo, indiferença, disciplina, coerção verbal, coerção física e privação. Estas subescalas agrupam-se em duas grandes dimensões: Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição.

Através da análise dessas dimensões verificou-se que tanto no pai como na mãe a média mais elevada se encontrava na dimensão Aceitação/Implicação e na subescala de afeto. Quanto à dimensão Coerção/Imposição é a subescala de coerção verbal que teve pontuação média mais elevada (Tabela 1).

Tabela 1. Estatísticas descritivas (mínimo, máximo, média e desvio padrão) das Dimensões da ESPA.

		<i>Mín.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Pai	Aceitação	1,02	4	2,93	0,54
	Afeto	1	4	2,65	0,82
	Diálogo	1	4	2,49	0,77
	Indiferença	1	3,92	1,84	0,71
	Disciplina	1	4	1,58	0,61
	Coerção	1	4	1,50	0,48
	Verbal	1	4	1,76	0,67
	Física	1	4	1,17	0,41
	Privação	1	4	1,58	0,60
Mãe	Aceitação	1,29	4	3,06	0,48
	Afeto	1	4	2,85	0,76
	Diálogo	1	4	2,69	0,70
	Indiferença	1	3,92	1,77	0,65
	Disciplina	1	3,88	1,53	0,56
	Coerção	1	4	1,56	0,48
	Verbal	1	4	1,87	0,70
	Física	1	4	1,18	0,41
	Privação	1	4	1,63	0,60

Nota: M= Média. DP=Desvio Padrão

Ao analisar os índices de correlação entre as duas dimensões da ESPA observámos um padrão diferente entre as práticas paternas e maternas.

No que se refere às práticas paternas observou-se uma relação negativa mas não significativa entre a aceitação e a coerção ($r = -0,01$; $p = 0,871$). Nas práticas maternas esta relação foi negativa e significativa ($r = -0,17$; $p = 0,008$). Quer isto dizer que, as mães que são percebidas como utilizando mais práticas de aceitação são as que são percebidas como utilizando menos a coerção. No caso dos pais, a direção da relação é idêntica mas os valores não alcançam significação estatística.

Na tabela 2 apresentamos uma análise mais detalhada das relações entre as diferentes práticas referentes ao pai. Observaram-se relações significativas entre as diferentes subescalas. Podemos observar que existe uma relação entre o afeto e o diálogo, ou seja, quando um pai é afetuoso tende também a recorrer ao diálogo. No entanto, quanto menor for a demonstração de afeto, maior será a indiferença. O mesmo se observa na subescala do diálogo, quanto menor for o diálogo entre pai e filhos maior será a utilização da indiferença e a disciplina no que concerne à educação dos mesmos. Quando observamos a subescala da indiferença, verificamos que quanto maior for a indiferença demonstrada pelo pai mais este recorre a práticas como a disciplina e a coerção física. Verificamos também que quando o pai recorre à coerção verbal, também tem maior propensão para recorrer à coerção física e à privação.

Tabela 2. Índices de correlação entre as subescalas da ESPA referente ao pai (N = 226).

	1	2	3	4	5	6	7
1. Afeto	-	0,63***	-0,46***	-0,20**	0,06	0,10	0,22**
2. Diálogo		-	-0,31***	-0,26***	0,14*	-0,00	0,21**
3. Indiferença			-	0,53***	0,20**	0,27***	0,06
4. Disciplina				-	0,10	0,32***	0,15*
5. Coerção Verbal					-	0,46***	0,66***
6. Coerção Física						-	0,55***
7. Privação							-

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Na tabela 3, também se observam correlações significativas entre as várias subescalas. Tal como observado no pai, a mãe quando é afetuosa também tende a dialogar com os filhos, no entanto, quando a mãe tende a ser indiferente aos filhos também recorre mais à disciplina. Estes resultados são semelhantes aos obtidos nas validações com a ESPA e mostram que se trata de duas dimensões independentes.

Tabela 3. Índices de correlação entre as subescalas da ESPA referente à mãe (N = 226).

	1	2	3	4	5	6	7
1. Afeto	-	0,52***	-0,50***	-0,18**	0,03	0,04	0,09
2. Diálogo		-	-0,25***	-0,17**	0,05	-0,07	0,13*
3. Indiferença			-	0,46***	0,35***	0,36***	0,25***
4. Disciplina				-	0,15**	0,35***	0,20**
5. Coerção Verbal					-	0,47***	0,55***
6. Coerção Física						-	0,56***
7. Privação							-

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

De forma a analisar se existem relações significativas entre as práticas utilizadas pelo pai e as práticas utilizadas pela mãe, recorreremos à correlação de Pearson. Na tabela 4 podemos verificar as associações das práticas parentais em ambas as dimensões, Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição.

Na dimensão da Aceitação observa-se que existe uma relação idêntica e positiva entre a aceitação demonstrada pelo pai e pela mãe, no entanto, quanto menor for a aceitação demonstrada pelo pai maior será a prática de disciplina imposta pela mãe.

Através da análise da dimensão da Coerção podemos verificar que quanto mais o pai recorre à coerção, mais a mãe tende a recorrer à coerção verbal. A mesma relação se verifica quando analisamos a privação utilizada pelo pai e a coerção utilizada pela mãe, ou seja, quanto mais o pai privar os filhos mais a mãe recorre à coerção.

Podemos desta forma concluir que existem fortes relações entre as práticas utilizadas pelo pai e as práticas utilizadas pela mãe, isto é, há uma influência entre ambos os pais e a forma como um educa vai influenciar o outro.

Tabela 4. Índices de correlação das subescalas da ESPA do Pai e da Mãe.

	Aceitação Mãe	Afeto Mãe	Diálogo Mãe	Indiferença Mãe	Disciplina Mãe	Coerção Mãe	Coerção Verbal Mãe	Coerção Física Mãe	Privação Mãe
1. Aceitação Pai	0,71***	0,57***	0,55***	-0,51***	-0,38***	-0,04	-0,09	-0,09	0,07
2. Afeto Pai	0,59***	0,74***	0,43***	-0,33***	-0,09	0,15*	0,06	0,16*	0,19***
3. Diálogo Pai	0,49***	0,38***	0,73***	-0,11**	-0,11	0,10	0,07	0,03	0,14**
4. Indiferença Pai	-0,58***	-0,38***	-0,24***	0,73***	0,33***	0,23***	0,26***	0,24***	0,07
5. Disciplina Pai	-0,44***	-0,11**	-0,17**	0,38***	0,71***	0,20***	0,18***	0,27***	0,09
6. Coerção Pai	-0,13*	0,05	0,07	0,28***	0,28***	0,86***	0,71***	0,68***	0,75***
7. Coerção Verbal Pai	-0,11	-0,00	0,07	0,27***	0,14**	0,76***	0,82***	0,43***	0,55***
8. Coerção Física Pai	-0,25***	0,01	-0,01	0,32***	0,31***	0,67***	0,41***	0,81***	0,49***
9. Privação Pai	-0,02	0,12	0,15	0,15	0,24***	0,73***	0,48***	0,52***	0,82***

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

4.2. Análise das diferenças entre as Práticas do pai e as Práticas da mãe consoante o Sexo e a Idade dos Adolescentes.

É previsível que a perceção das práticas parentais variem consoante o sexo e a idade dos adolescentes, por essa razão, apresentamos os resultados obtidos através da análise separada das respostas dos rapazes e das raparigas nas subescalas da Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição. Ao comparar as práticas paternas e maternas percebidas pelos rapazes e raparigas observamos que os resultados são semelhantes, ou seja, ambos caracterizam a mãe como tendo um maior grau de Aceitação/Implicação comparativamente ao pai (Tabela 5).

Nas subescalas da Aceitação/Implicação, observa-se que tanto os rapazes como as raparigas avaliam a mãe com maiores níveis de afeto (Rapazes: $M = 2,47$; Raparigas: $M = 2,82$) e diálogo (Rapazes: $M = 2,37$; Raparigas: $M = 2,60$) quando comparada ao pai, sendo que esta relação se inverte quando se observa as subescalas da indiferença e disciplina, sendo o pai que pontua mais.

Nas subescalas da Coerção/Imposição tanto os rapazes como as raparigas percebem a mãe como recorrendo mais à coerção verbal (Rapazes: $M = 1,95$; Raparigas: $M = 1,79$) do que o pai (Rapazes: $M = 1,83$, Raparigas: $M = 1,70$) e o pai como recorrendo mais à coerção física (Rapazes: $M = 1,19$; Raparigas: $M = 1,56$) do que a mãe (Rapazes: $M = 1,19$; Raparigas: $M = 1,17$).

Tabela 5. Diferenças nas Dimensões Parentais em função do Sexo

		Rapazes (n= 117) M	Raparigas (n= 132) M	t	gl	p
Pai	Aceitação	2,83	3,03	-2,854	224	0,005
	Afeto	2,47	2,82	-3,267	224	0,001
	Diálogo	2,37	2,60	-2,312	224	0,022
	Indiferença	1,92	1,78	1,458	224	0,146
	Disciplina	1,63	1,54	1,109	224	0,269
	Coerção	1,53	1,48	0,930	224	0,353
	Verbal	1,83	1,70	1,434	224	0,153
	Física	1,19	1,56	0,621	224	0,536
	Privação	1,59	1,57	0,190	224	0,849
Mãe	Aceitação	2,95	3,16	-3,505	244	0,001
	Afeto	2,65	3,03	-3,919	244	0,001
	Diálogo	2,55	2,81	-2,912	244	0,004
	Indiferença	1,82	1,72	1,089	244	0,277
	Disciplina	1,60	1,47	1,762	244	0,079
	Coerção	1,60	1,52	1,171	244	0,243
	Verbal	1,95	1,79	1,746	244	0,082
	Física	1,19	1,17	0,352	244	0,725
	Privação	1,65	1,61	0,509	244	0,611

Nota: M= Média. t =Teste t de Student para amostras independentes. gl.=Graus de liberdade entre os dois grupos. p= Nível de significância estatística entre as variáveis.

De forma a analisar a variável Idade, considerou-se adequado proceder ao agrupamento dos sujeitos, uma vez que existe uma grande dispersão de idades, entre os 12 e os 17 anos. Dividiu-se o grupo em dois, o primeiro corresponde à faixa etária dos 12 aos 14 e o segundo, dos 15 aos 17 anos de idade.

Nas dimensões do pai verificaram-se diferenças significativas nas subescalas de afeto, coerção física e privação, sendo que os valores médios são mais elevados no primeiro grupo.

Relativamente às dimensões da mãe, as diferenças encontram-se nas subescalas coerção, coerção física e privação, sendo que estas diferenças são mais visíveis no primeiro grupo.

Observa-se que os mais novos caracterizam o pai com pontuações mais altas nas dimensões de Aceitação/Implicação (12 aos 14: $M = 2,97$; 15 aos 17: $M = 2,89$) e Coerção/Imposição (12 aos 14: $M = 1,56$; 15 aos 17: $M = 1,45$) do que os mais velhos. O mesmo acontece em relação à mãe (Tabela 6).

Tabela 6. Diferenças nas Dimensões Parentais em função da Idade

		12-14 (n= 115)	15-17 (n= 134)	t	gl	p
		M	M			
Pai	Aceitação	2,97	2,89	1,06	224	0,290
	Afeto	2,81	2,51	2,81	224	0,005
	Diálogo	2,57	2,42	1,47	224	0,144
	Indiferença	1,91	1,78	1,40	224	0,163
	Disciplina	1,58	1,57	0,151	224	0,880
	Coerção	1,56	1,45	1,66	224	0,098
	Verbal	1,77	1,75	0,27	224	0,790
	Física	1,23	1,12		224	0,056
	Privação	1,68	1,49		224	0,020
Mãe	Aceitação	3,07	3,05	0,38	244	0,701
	Afeto	2,91	2,80	1,13	244	0,260
	Diálogo	2,71	2,67	0,39	244	0,694
	Indiferença	1,81	1,73	0,86	244	0,389
	Disciplina	1,52	1,54	-0,30	244	0,767
	Coerção	1,64	1,49	2,43	244	0,016
	Verbal	1,93	1,81	1,31	244	0,192
	Física	1,25	1,11	2,62	244	0,009
	Privação	1,73	1,54	2,47	244	0,014

Nota: M= Média. t =Teste t de Student para amostras independentes. gl.=Graus de liberdade entre os dois grupos. p= Nível de significância estatística entre as variáveis.

Realizou-se uma análise entre as características sociodemográficas e as dimensões da ESPA, com o objetivo de perceber se estas são influenciadas pelas características sociodemográficas selecionadas.

Para tal, selecionou-se duas características que considerámos pertinente estudar: as habilitações literárias e a qualificação profissional dos pais. No entanto, não observámos relações significativas entre estas variáveis e as dimensões da ESPA excepto entre o nível de estudos do pai e a coerção ($r_s = 0,14$; $p = 0,04$) e a privação ($r_s = 0,16$; $p = 0,02$). Quer isto dizer que os pais com nível mais elevado de habilitações literárias são os que recorrem mais à prática da coerção e da privação.

4.3. Análise da Perceção da Qualidade de Vida em Geral, com Amigos e na Escola consoante o Sexo e a Idade dos Adolescentes.

Através desta análise observamos que a média mais elevada se encontra na subescala dos Amigos, quer isto dizer que os adolescentes consideram que é com os seus pares que melhor percecionam a sua qualidade de vida.

Tabela 7. Análise Descritiva da Perceção da Qualidade de Vida Geral, na Escola e com os Amigos.

	<i>Mín. - Máx.</i>	<i>MD</i>	<i>DP</i>
QVP Geral	1 - 5	3,68	0,62
QVP Amigos	1 - 5	4,00	0,83
QVP Escola	1 - 5	3,44	0,77

Nota: M= Média. DP=Desvio Padrão

Realizando a análise separada das respostas das raparigas e dos rapazes, não se verificam diferenças significativas, no entanto, através da média podemos observar que relativamente à qualidade de vida no geral, são os rapazes que mais qualidade de vida percecionam, no entanto, são as raparigas que pontuam mais em relação à qualidade de vida percecionada com os amigos e na escola (Tabela 8).

Tabela 8. Diferenças na Perceção da Qualidade de Vida em função do Sexo.

	<i>Rapazes</i> (<i>n= 117</i>)	<i>Raparigas</i> (<i>n= 132</i>)	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>M</i>			
QVP Geral	3,76	3,62	1,786	247	0,075
QVP Amigos	3,96	4,04	-0,788	247	0,432
QVP Escola	3,39	3,47	-,0863	247	0,389

Nota: M= Média. t =Teste t de Student para amostras independentes. gl.=Graus de liberdade entre os dois grupos. p= Nível de significância estatística entre as variáveis.

Quando analisamos as diferenças na percepção da qualidade de vida em função dos dois **Tabela 10. Índices de correlação entre as subescalas da ESPA e a Qualidade de Vida-Pai (n = 226).** qualidade de vida geral. Sendo que é o primeiro grupo, ou seja, os mais novos que melhor percepção têm da sua qualidade de vida geral, mas também com os amigos e na escola (Tabela 9).

Tabela 9. Diferenças na Percepção da Qualidade de Vida em função da Idade.

	12-14 (n= 115) M	15-17 (n= 134) M	t	gl	p
QVP Geral	3,80	3,59	2,800	247	0,006
QVP Amigos	4,07	3,95	1,150	247	0,251
QVP Escola	3,57	3,32	2,525	247	0,012

Nota: M= Média. t =Teste t de Student para amostras independentes. gl.=Graus de liberdade entre os dois grupos. p= Nível de significância estatística entre as variáveis.

4.4. Associação entre as Práticas Parentais e a Percepção da Qualidade de Vida.

Com o intuito de realizar uma análise mais detalhada e avaliar se existe associação entre as dimensões do estilo parental pai e do estilo parental mãe com a percepção da qualidade de vida geral, percepção da qualidade de vida com os amigos e na escola procedeu-se à correlação de Pearson.

Na seguinte tabela são apresentados os resultados respeitantes ao pai na dimensão Aceitação/Implicação. Ao nível de significância $\alpha=0,01$ verificou-se uma associação positiva entre a aceitação ($r = 0,17$; $p < 0,01$) e o afeto ($r = 0,17$; $p < 0,01$) do pai e a percepção da qualidade de vida percebida com os amigos, isto é, quanto maior o nível de aceitação e afeto do pai melhor os adolescentes se sentem no seu grupo de pares. Relativamente à dimensão Coerção/Imposição, observa-se que existe uma associação negativa entre a coerção do pai e a percepção da qualidade de vida geral ($r = - 0,21$; $p < 0,01$) e com os amigos ($r = - 0,23$; $p < 0,01$), revelando que a coerção do pai tem um impacto negativo sob a percepção da qualidade de vida em geral e com os amigos. Relativamente à coerção física, esta correlaciona-se negativamente com ambas as variáveis referidas acima e também com a qualidade de vida na escola ($r = - 0,21$; $p < 0,01$). A privação associa-se negativamente com a percepção da qualidade de vida com os amigos ($r = - 0,19$; $p < 0,01$) (Tabela 10).

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.
1. Aceitação	-	0,81***	0,77***	-0,76***	-0,62***	-0,01	-0,03	-0,14*	0,01	0,10	0,17***	0,14*
2. Afeto		-	0,63***	-0,46***	-0,11***	-0,15*	0,06	0,10	0,22***	0,09	0,17**	0,13
3. Diálogo			-	-0,31***	-0,26***	0,15*	0,14*	-0,00	0,21***	-0,01	0,11	0,67
4. Indiferença				-	0,53***	0,11**	0,20**	0,27***	0,06	-0,08	-0,11	-0,12
5. Disciplina					-	0,20**	0,10	0,32***	0,15*	-0,15*	-0,12	-0,11
6. Coerção						-	0,88***	0,74***	0,89***	-0,21**	-0,02***	-0,16*
7. Coerção Verbal							-	0,47***	0,66***	-0,17**	-0,17**	-0,13*
8. Coerção Física								-	0,55***	-0,24***	-0,24***	-0,21**
9. Privação									-	-0,14*	-0,19***	-0,08
10. QVP Geral										-	0,63***	0,61***
11. QVP com Amigos											-	0,36***
12. QVP na Escola												-

Relativamente à associação entre as dimensões do estilo parental mãe e a qualidade de vida percebida geral e a qualidade de vida percebida na escola e com os amigos observou-se várias correlações significativas. A aceitação tem uma influência positiva sob a percepção da qualidade de vida geral ($r = 0,23$; $p < 0,01$), sob a qualidade de vida na escola ($r = 0,20$; $p < 0,01$) e sob a qualidade de vida com os amigos ($r = 0,20$; $p < 0,01$). O afecto correlaciona-se positivamente com a qualidade de vida percebida na escola ($r = 0,17$; $p < 0,01$) e com os amigos ($r = 0,13$; $p < 0,01$). Relativamente à indiferença esta tem um impacto negativo na forma como os adolescentes percebem a sua qualidade de vida no geral ($r = -0,17$; $p < 0,01$) bem como a disciplina ($r = -0,23$; $p < 0,01$). Ou seja, quanto maior forem os níveis de indiferença e disciplina menor será a percepção que o adolescente fará sobre a sua qualidade de vida. A coerção influencia de forma negativa a percepção que os adolescentes têm sobre a qualidade de vida no geral ($r = -0,22$; $p < 0,01$) e na escola ($r = -0,20$; $p < 0,01$). Já a coerção física tem uma influência negativa quer na percepção da qualidade de vida geral ($r = -0,22$; $p < 0,01$) quer na escola ($r = -0,21$; $p < 0,01$) quer na subescala amigos ($r = -0,18$; $p < 0,01$). Também a privação exerce um efeito negativo sob a forma como os adolescentes percebem a sua qualidade de vida no geral ($r = -0,17$; $p < 0,01$) (Tabela 11).

Tabela 11. Índices de correlação entre as subescalas da ESPA e a Qualidade de Vida-Mãe (n = 226).

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.
1. Aceitação	-	0,81**	0,70***	-0,76***	-0,058***	-0,17***	-0,15*	-0,23***	-0,06	0,23***	0,11***	0,11***
2. Afeto		*										
3. Diálogo		-	0,52***	-0,50***	-0,18***	0,03	-0,03	0,04	0,09	0,15*	0,17***	0,13*
4. Indiferença			-	-0,25***	-0,17***	0,06	0,06	-0,07	0,13*	0,11	0,11	0,14*
5. Disciplina				-	0,46***	0,38***	0,35***	0,36***	0,25***	-0,17***	-0,15*	-0,16*
6. Coerção					-	0,26***	0,15*	0,35***	0,11**	-0,23***	-0,14*	-0,14*
7. Coerção Verbal						-	0,86***	0,76***	0,85***	-0,22***	-0,20***	-0,14*
8. Coerção Física							-	0,47***	0,55***	-0,16**	-0,15*	-0,11
9. Privação								-	0,56***	-0,22***	-0,21***	-0,18***
10. QVP Geral									-	-0,17***	-0,16*	-0,08
11. QVP na Escola											0,63***	0,61***
12. QVP com Amigos												0,36***

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

4.5. Influência das Práticas Parentais na Qualidade de Vida

Após a análise das correlações realizadas entre as características sociodemográficas, as subescalas da ESPA e as subescalas do Kidscreen, recorreremos ao modelo de regressão hierárquica múltipla com o objetivo de avaliar o contributo destas variáveis na predição da Qualidade de Vida percebida pelos adolescentes.

Para tal considerou-se um modelo com três passos: o primeiro contempla as variáveis associadas ao adolescente (sexo e idade), o segundo as variáveis associadas aos progenitores (habilitações literárias) e no terceiro adicionou-se as variáveis associadas às práticas parentais (aceitação e coerção). Para tal, decidimos fazer duas regressões hierárquicas múltiplas, a primeira referente ao pai e a segunda referente à mãe.

Na tabela 12 apresentamos os resultados do modelo de regressão referente ao pai. No passo 1 observamos que o sexo e a idade predizem apenas 5% da variância, apesar da idade do adolescente ter um maior contributo para a perceção da qualidade de vida comparativamente ao sexo.

No passo 2, com o acréscimo da variável habilitações literárias do pai observamos que para além da idade do adolescente, esta variável também é um preditor significativo.

No passo 3 observamos que das variáveis relativas às práticas parentais, apenas a coerção surge como um preditor significativo da qualidade de vida percebida pelos adolescentes, sendo que este modelo predizia 15% da variância.

Através da análise da regressão hierárquica múltipla podemos concluir que a percepção da qualidade de vida dos adolescentes vai depender da idade dos mesmos, do nível de estudos do pai e da prática da coerção.

Na tabela 13 apresentamos os resultados do modelo de regressão referentes à mãe. No passo 1, que diz respeito às variáveis associadas ao adolescente, sexo e idade, observamos que estas predizem apenas 4% da variância, mas a idade do adolescente continua a ser um bom preditor da percepção da qualidade de vida.

No passo 2, podemos observar que nenhuma das variáveis, sexo, idade e habilitações literárias da mãe são estatisticamente relevantes para a predição da qualidade de vida.

Através da análise do passo 3 podemos concluir que todas as variáveis constituem um bom preditor da qualidade de vida percebida pelos adolescentes, apesar de nos passos anteriores estas não terem demonstrado relevância estatística. No passo 3 observamos que este predizia 17% da variância da qualidade de vida percebida pelos adolescentes. Assim, os fatores que mais contribuíam para a percepção que os jovens faziam da sua qualidade de vida foram a sua idade, sexo, o nível de estudos da mãe e a utilização por parte desta de práticas como a aceitação e a coerção.

Tabela 12. Modelo de Regressão Hierárquica Múltipla da Qualidade de Vida - Pai

	B	EP B	β	R2	Δ R2	gl	F	p
Passo 1				0,05	0,04	2/223	5,44	0,005
Constante	4,25	0,18						0,000
Sexo	-0,11	0,08	-0,09					0,173
Idade	-0,25	0,08	-0,20					0,003
Passo 2				0,07	0,06	1/222	6,27	0,013
Constante	3,65	0,30						0,000
Sexo	-0,09	0,08	-0,07					0,274
Idade	-0,19	0,08	-0,16					0,020
Habilitações Literárias	0,17	0,07	0,17					0,013
Passo 3				0,15	0,13	2/220	9,53	0,000
Constante	3,85	0,37						0,000
Sexo	-0,13	0,08	-0,10					0,106
Idade	-0,21	0,08	-0,17					0,008
Habilitações Literárias	0,19	0,06	0,19					0,004
Aceitação	0,11	0,07	0,01					0,123
Coerção	-0,33	0,08	-0,26					0,000

Nota: EP B - Erro-padrão do valor B. Δ R2 - Mudança no valor do R2 ao adicionar o bloco subsequente de variáveis.

Tabela 13. Modelo de Regressão Hierárquica Múltipla da Qualidade de Vida – Mãe

	B	EP B	β	R2	Δ R2	gl	F	p
Passo 1				0,04	0,04	2/243	5,47	0,005
Constante	4,24	0,17						0,000
Sexo	-0,14	0,08	-0,11					0,077
Idade	-0,22	0,08	-0,18					0,005
Passo 2				0,06	0,05	1/242	4,54	0,034
Constante	3,74	0,29						0,000
Sexo	-0,12	0,08	-0,01					0,115
Idade	-0,19	0,08	-0,15					0,018
Habilitações Literárias	0,14	0,06	0,14					0,034
Passo 3				0,17	0,16	2/240	16,25	0,000
Constante	3,46	0,40						0,000
Sexo	-0,21	0,08	-0,17					0,007
Idade	-0,22	0,08	-0,18					0,003
Habilitações Literárias	0,14	0,06	0,14					0,019
Aceitação	0,29	0,08	0,23					0,000
Coerção	-0,29	0,08	-0,22					0,000

Nota: EP B - Erro-padrão do valor B. Δ R2 - Mudança no valor do R2 ao adicionar o bloco subsequente de variáveis

V. Discussão dos Resultados

Sendo a família o primeiro contexto de socialização dos jovens e por conseguinte a mais importante para o seu desenvolvimento o seu estudo tem suscitado o interesse de vários autores. Existem vários estudos realizados sobre esta temática na tentativa de arranjar soluções para certas questões sociais, pois é considerado que certas características do meio familiar, como: estilos parentais, práticas de socialização e características sociodemográficas, estão fortemente relacionadas com o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes (Allen, Hauser, O'Connor & Bell, 2002).

Através da revisão da literatura verifica-se um consenso sobre quais os estilos parentais que promovem um desenvolvimento mais positivo nos adolescentes.

Maccoby e Martin (1983) no seu estudo demonstraram que os jovens criados por pais que manifestavam características como o calor, disciplina, castigos não punitivos e consistência estavam associados a um desenvolvimento mais positivo. Estes autores revelaram também que os adolescentes que classificaram os pais como firmes, expressavam maior nível de competência psicológica e menor propensão para distúrbios psicológicos. Os adolescentes que classificavam os pais como sendo indulgentes, obtinham melhores resultados ao nível da autoestima, no entanto, recorriam mais ao uso de drogas e álcool. Já os pais classificados como negligentes, criavam filhos com uma maior taxa de incidência de distúrbios psicológicos e menos competência psicológica. Por fim, estes autores apuraram que os adolescentes que classificaram os pais como sendo autoritários pontuavam mais nas medidas de obediência e conformidade com as regras, mas por outro lado, tinham menor autoestima que os adolescentes criados em lares cujos pais eram classificados como firmes e negligentes.

Vários são os estudos que corroboram os resultados obtidos pelas investigações realizadas. Os adolescentes beneficiam mais quando são criados em lares cujo estilo parental é classificado como firme, do que em lares cujo estilo parental predominante é o autoritário ou o indulgente (Lamborn, Mounts, Steinberg, Dornbusch, 1991).

O presente estudo, tem como objetivo encontrar resposta para algumas questões relacionadas com a temática supramencionada.

Análise das Práticas Parentais

Primeiramente quisemos observar se havia diferenças significativas entre as duas dimensões da ESPA: Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição relativamente ao pai e à mãe, porque apesar das dimensões serem as mesmas é previsível que a perceção dos adolescentes sobre as práticas parentais não sejam iguais para ambos os pais. Analisando os

resultados verificámos que apesar de ambos terem pontuado mais na dimensão da Aceitação/Implicação, na subescala do afeto, ao analisar os índices de correlação entre estas duas dimensões observaram-se padrões diferentes referente ao pai e à mãe. Enquanto que na mãe se verificaram diferenças significativas entre a aceitação e a coerção, ou seja, quanto maior for o grau de aceitação menor será a utilização da prática de coerção, no pai, esta diferença já não é tão significativa.

Estes resultados diferem dos encontrados pelo Musitu e García (2004), pois os resultados obtidos por estes autores indicaram que os adolescentes caracterizaram o pai como recorrendo mais a práticas de Aceitação/Implicação que a mãe. Os adolescentes descreveram ainda que quando se comportam de acordo com as normas impostas pela família, é o pai quem expressa maior afeto e menor indiferença. Quando os adolescentes vão contra as regras familiares o pai tende a recorrer ao diálogo e menos à disciplina comparativamente à mãe.

Collins e Russel (1991) no seu estudo expuseram que existem discrepâncias entre a relação dos adolescentes com a mãe e com o pai, sendo que estas discrepâncias podem ser explicadas pelo facto de a mãe se tornar mais consciente das mudanças que ocorrem com os filhos quando comparada com o pai.

Quisemos ainda verificar se havia associação entre as práticas utilizadas pelo pai e as práticas utilizadas pela mãe, ou seja, se as práticas que o pai utiliza vai de alguma forma influenciar a mãe na educação que esta dá aos filhos. Verificámos que existe uma relação idêntica e positiva entre a aceitação, no entanto, quanto menor for a aceitação demonstrada pelo pai mais a mãe recorre à disciplina como prática de educação. Observámos que quando o pai é coercivo a mãe tende a recorrer à coerção verbal na educação dos filhos. Podemos desta forma concluir que existem fortes relações entre as práticas utilizadas pelo pai e as práticas utilizadas pela mãe, isto é, há uma influência entre ambos os pais e a forma como um educa vai influenciar o outro. Estes resultados vão ao encontro dos encontrados por Musitu e García (2004). Estes autores confirmam que de uma forma geral ambos os pais atuam no mesmo sentido, quando o pai é afetuoso a mãe também tende a ser, o mesmo se observa quando o pai recorre à coerção física a mãe também tem maior probabilidade de o fazer.

Análise das diferenças entre as Práticas do pai e as Práticas da mãe consoante o Sexo e a Idade dos Adolescentes.

É esperado que a perceção das práticas parentais variem consoante o sexo dos adolescentes, não só pela sua perceção mas também devido à forma diferenciada como os pais

educam um filho e uma filha. No nosso estudo verificámos diferenças estatisticamente relevantes entre os rapazes e as raparigas, no entanto, os resultados são semelhantes na medida em que ambos caracterizam o estilo da mãe como recorrendo mais às práticas de Aceitação/Implicação comparativamente ao pai. Tal como no estudo de Musitu e García (2004), observámos também que as raparigas avaliam ambos os pais com maiores níveis de Aceitação/Implicação que os filhos. Canavarro e Pereira (2007) no seu estudo também averiguaram que as raparigas percecionavam maior suporte por parte da mãe e menos rejeição por parte de ambos os pais comparativamente aos rapazes.

Observando as subescalas de Aceitação/Implicação, tanto os rapazes como as raparigas avaliam a mãe como sendo mais afetuosa e recorrendo mais ao diálogo quando comparada com o pai, no entanto, é curioso verificar que as raparigas relacionam-se mais com a mãe numa base de afetuosidade e diálogo enquanto que os rapazes consideram que as mães recorrem mais à indiferença e disciplina no que concerne à sua educação. Na dimensão da Coerção/Imposição apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas ambos avaliaram a mãe como recorrendo mais à coerção verbal enquanto que o pai foi caracterizado como recorrendo mais à coerção física.

Relativamente à análise diferencial realizada segundo a idade dos adolescentes, verificaram-se diferenças significativas entre os dois grupos. Os mais novos caracterizaram tanto o pai como a mãe com pontuações mais altas em ambas as dimensões comparativamente aos mais velhos.

Na dimensão Aceitação/Implicação, a mãe é caracterizada como sendo mais afetuosa e comunicativa com os filhos enquanto que as pontuações do pai são mais altas na indiferença e na disciplina, no entanto, na dimensão Coerção/Imposição é a mãe que mais é caracterizada como recorrendo a práticas como a coerção verbal, coerção física e privação. Estes resultados vão ao encontro do que se esperava, porque à medida que os adolescentes crescem vão percecionando os pais como menos afetuosos e tendem a considerar que o grau de indiferença do pai aumenta de forma significativa.

Os nossos resultados vão ao encontro dos obtidos por Canavarro e Pereira (2007) pois no seu estudo estes autores confirmam que os mais novos têm maior perceção de suporte mas também de rejeição por ambos os pais.

Análise da Perceção da Qualidade de Vida em Geral, com Amigos e na Escola consoante o Sexo e a Idade dos Adolescentes.

Quando observámos a relação da percepção da qualidade de vida dos adolescentes no geral, com amigos e na escola, com o sexo, verificámos que não existiam diferenças estatisticamente significativas, no entanto, é pertinente salientar que os rapazes percecionaram a qualidade de vida no geral de forma mais positiva que as raparigas, não obstante, são estas que têm melhor percepção da qualidade de vida com os seus pares e no meio escolar.

Outros estudos obtiveram resultados semelhantes, sendo que os rapazes reportam melhor qualidade de vida na maior parte das dimensões e as raparigas apenas pontuam mais nas dimensões relacionadas com os pares, meio escolar e aceitação social (Gaspar et al., 2009; Michel et al., 2009; The Euro- pean Kidsreen Group, 2006 *cit in* Hernando, Nunes, Cruz, Lemos &Valadas, 2013).

Lima-Serrano, Lemos e Nunes (2013), também verificaram que são os rapazes que tendem a demonstrar melhor percepção da qualidade de vida quando comparados com as raparigas. Estes resultados podem ser causados pelo facto de as raparigas terem maior dificuldade em expressar os seus sentimentos.

No que diz respeito às diferenças entre os dois grupos de idade, verificámos que existiam diferenças significativas entre os mais novos e os mais velhos, e como esperado foram os mais novos quem melhor percecionavam a qualidade de vida no geral.

Associação entre as Práticas Parentais e a Percepção da Qualidade de Vida.

Relativamente ao impacto que as práticas parentais têm na percepção da qualidade de vida, na dimensão da Aceitação/Implicação do pai verificou-se uma associação estatisticamente significativa e positiva entre o afeto e o diálogo, e o afeto e a percepção da qualidade de vida com os amigos, quer isto dizer que quanto maior for a demonstração de afeto pelo pai maior vai ser a propensão para o diálogo e melhor os adolescentes se sentem no seu grupo de pares. Quanto à dimensão Coerção/Imposição, observou-se que o facto de o pai recorrer à prática da coerção verbal tem um impacto negativo sob a percepção da qualidade de vida em geral e com os amigos, já a prática da coerção física faz com que os adolescentes tenham uma percepção da qualidade de vida negativa, tanto no geral, como com os amigos e na escola.

No que concerne às práticas utilizadas pela mãe e o impacto que estas têm na percepção que os jovens fazem da sua qualidade de vida, verificámos que quanto maior o afeto demonstrado pela mãe melhor será a percepção que os adolescentes têm da qualidade de vida com os amigos e na escola, enquanto que a prática da indiferença e da disciplina provoca uma diminuição na percepção da qualidade de vida no geral.

Referente à dimensão da Coerção/Imposição, verificámos tal como esperado, que as práticas de coerção verbal, coerção física e privação têm um impacto negativo na percepção que os adolescentes fazem da qualidade de vida geral, com os amigos e na escola.

Influência das Práticas Parentais na Qualidade de Vida

Por último, o nosso objetivo era avaliar o contributo das variáveis sociodemográficas dos adolescentes (sexo e idade), as subescalas da ESPA (aceitação e coerção), e as subescalas do Kidscreen na predição da Qualidade de Vida percebida pelos adolescentes. Para tal, recorreremos ao modelo de regressão hierárquica múltipla.

Relativamente ao pai, através da análise das variáveis associadas ao adolescente, sexo e idade, observamos que apesar da idade ser um preditor significativo para a percepção da qualidade de vida, tal como referido anteriormente, as duas variáveis em conjunto, apenas predizem 5% da variância. Já no que diz respeito às habilitações literárias do pai este é um preditor significativo, ou seja, quanto maior for o nível de estudos do pai, melhor vai ser a avaliação que os adolescentes fazem da sua qualidade de vida no geral. Em relação às práticas parentais utilizadas pelo pai, aceitação e coerção, apenas esta última surge como um fator significativo quando os jovens avaliam a sua qualidade de vida.

Relativamente à mãe observa-se que nenhuma das variáveis tem relevância estatística por si só, no entanto, quando analisadas em conjunto, todas elas são um bom preditor na percepção da qualidade de vida dos adolescentes. Em conjunto, estas variáveis predizem 17% da variância da qualidade de vida percebida pelos adolescentes.

Outros estudos sugerem que práticas que recorrem a uma abordagem positiva e ao controlo comportamental têm um impacto significativo na qualidade de vida dos adolescentes (Nunes, Bodden, Lemos, Lorence, & Jiménez, 2014).

De acordo com resultados encontrados noutros estudos podemos observar que as habilitações literárias dos pais são um factor importante para a ligação entre pais e filhos (Dwairy & Achoui, 2010).

Os autores Roche et. al. (2010) defendem que o facto de não existir um impacto significativo das práticas parentais sobre a qualidade de vida dos adolescentes pode ser justificada pela influência de outros fatores, tais como, a vizinhança e a coesão familiar.

Com os resultados obtidos no presente estudo, concluímos que existem algumas semelhanças com os resultados obtidos noutros estudos tal como, o facto de os pais serem percebidos como recorrendo mais a práticas ligadas à Aceitação/Implicação quando se trata das filhas. Quanto à dimensão Coerção/Imposição os resultados obtidos não demonstram

diferenças significativas, no entanto, se observarmos as subescalas da coerção verbal e a privação verificamos que os pais utilizam mais essas práticas quando se trata dos filhos.

Estes resultados vão ao encontro dos esperados, pois estas práticas parentais são resultado de padrões culturais.

No entanto, é válido salientar que embora as famílias sejam consideradas como o primeiro contexto de socialização e como tal o mais importante no desenvolvimentos dos adolescentes, atualmente o impacto dos pais nos jovens já não é tão direto, simples e claro como anteriormente se elaborava (Moraes, Camino, Costa, Camino & Cruz, 2007).

VI. Conclusões e Limitações do Estudo

Como forma de conclusão do presente estudo, iremos neste capítulo proceder à apresentação dos principais resultados encontrados e de seguida iremos identificar as principais limitações sentidas durante a investigação de forma a servir de base para futuros estudos.

Tendo em conta os objetivos definidos para este estudo, foram encontrados os seguintes resultados. Relativamente ao primeiro objetivo, se existem diferenças significativas entre as práticas parentais dos pais e as práticas parentais das mães verificámos que ao contrário do esperado, não houve diferenças significativas entre o pai e a mãe nas dimensões da Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição, isto é, ambos recorrem mais às práticas de aceitação do que às práticas de coerção. No entanto, quando observámos as pontuações das subescalas deparámo-nos com diferenças significativas, na medida em que a mãe quanto mais recorre à aceitação menos utiliza a coerção, já no pai esta diferença não é significativa o que demonstra que este, tanto recorre às práticas do afeto, diálogo, indiferença e disciplina como utiliza a coerção verbal, coerção física e a privação.

No que diz respeito às diferenças esperadas na perceção que os rapazes e as raparigas fazem relativamente às práticas utilizadas pelos pais na sua educação, descobrimos que existem diferenças significativas entre o género. As raparigas avaliam a sua relação com a mãe como sendo mais na base da afetividade e do diálogo, ou seja, é com a mãe que conversam e obtêm mais afeto. Pelo contrário, os rapazes consideram que a relação com a mãe funciona mais na base da disciplina e da indiferença. Esta relação poderá ser justificada pelo facto de os rapazes serem considerados como mais rebeldes e indisciplinados e portanto as mães são mais rígidas na educação destes. No entanto, ambos consideram que a mãe recorre mais às práticas de Aceitação/Implicação quando comparada ao pai. Estes resultados vão ao encontro dos supramencionados, onde a mãe é caracterizada como recorrendo mais ao afeto e menos à coerção.

Quando comparámos as diferenças em relação à idade dos jovens verificámos diferenças significativas entre os dois grupos. Os mais novos caracterizam ambos os pais com pontuações mais altas nas duas dimensões comparativamente aos mais velhos. Estes resultados confirmam o que tínhamos previsto, porque à medida que os adolescentes amadurecem vão se tornando mais autónomos e por isso mais independentes dos pais. Essa crescente autonomia vai tornando-os mais distantes dos pais porque vão precisando cada vez menos destes. O que por sua vez influencia a perceção que os adolescentes têm das práticas utilizadas pelos pais, isto é, percecionam-os como menos afetuosos e mais indiferentes.

No que concerne às diferenças encontradas consoante o sexo e a perceção da qualidade de vida, não encontrámos diferenças que fossem estatisticamente relevantes, no entanto, curiosamente verificámos que os rapazes percecionam a sua qualidade de vida no geral de forma mais positiva que as raparigas, mas na dimensão dos amigos e na escola, são estas que melhor classificam a sua qualidade de vida.

Quando comparados os mais novos com os mais velhos, foram os mais novos que classificaram de forma mais positiva a qualidade de vida no geral, com os amigos e na escola. Este resultado pode dever-se ao facto de os mais novos não darem tanta importância a fatores próprios da cultura onde estão inseridos comparativamente aos mais velhos, que já estão mais alerta a certas tendências sociais e culturais da sua sociedade e daí percecionaram

Relativamente às práticas parentais e à influência destas na forma como os adolescentes percecionavam a qualidade de vida, verificámos que existem fortes ligações entre a forma como os pais educam e o impacto que essa educação vai ter nos adolescentes. As práticas parentais derivadas da dimensão Aceitação/Implicação estão associadas a adolescentes que percecionam a sua qualidade de vida de forma mais positiva quando comparados aos adolescentes que caracterizaram os pais como recorrendo a práticas derivadas da dimensão Coerção/Imposição.

Através da análise da regressão hierárquica múltipla observámos que relativamente ao pai, os fatores com maior importância estatística para a predição da qualidade de vida percecionada pelos adolescentes são a idade dos adolescentes, o nível de estudos do pai e a utilização da prática da coerção. No que diz respeito à mãe, todas as variáveis são estatisticamente relevantes quando avaliadas em conjunto.

No que se refere às limitações deste estudo, em primeiro lugar, é importante salientar que apesar do tamanho da amostra ser considerável esta não é representativa da população de adolescentes portugueses, isto porque a amostra é constituída por adolescentes da região do Algarve o que impede a generalização dos resultados. Em estudos futuros seria importante utilizar uma amostra mais ampla e a nível nacional. Em segundo, a utilização de apenas um informante é do nosso ponto de vista outra limitação. Desta forma, seria importante utilizar mais informantes, como pais e professores.

Em estudos futuros, seria vantajoso utilizar indicadores mais objetivos para avaliar a relação com a escola, com o ensino e com o grupo de pares.

Apesar das limitações referidas, o presente estudo poderá contribuir para uma melhor compreensão dos adolescentes, dos fatores implicados na perceção relativamente à qualidade

de vida e do impacto que as práticas parentais têm nas relações inter e intra pessoais dos jovens.

Concluindo, os resultados obtidos neste estudo e em estudos anteriores comprovam que a percepção da qualidade de vida dos adolescentes é importante não só para o seu bem estar como para a qualidade das relações criadas com os seus pares e com a família. Como tal, os resultados obtidos poderão ser úteis para profissionais que trabalhem com adolescentes, de forma a que definam programas cujo objetivo seja o de melhorar e de fornecer ferramentas necessárias para fomentar relações positivas com os pais e com os pares. Desta forma, seria interessante criar workshops para encarregados de educação com o intuito de fomentar uma parentalidade positiva, fornecendo ferramentas que possam utilizar com os seus filhos adolescentes.

VII. Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

- Abidin, R. (1992). The Determinants of Parenting Behavior. *Journal of Clinical Child Psychology, 21* (4), 407-412.
- Allen, J., Hauser, S., O'Connor, T. & Bell, K. (2002). Prediction of peer-rated adult hostility from autonomy struggles in adolescent – family interactions. *Dev Psychopathol, 14* (1), 123-137.
- Almeida, M., Gutierrez, G., Marques, R. (2012). *Qualidade de Vida: Definições, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa*. São Paulo: EACH/USP.
- Arnett, J., (1995). Adolescents uses of media for self-socialization. *Journal of Youth and Adolescence, 24* (5), 519-533.
- Belsky, J. (1984). The Determinants of Parenting: A Process Model. *Child Development, 55*, 83-96.
- Canavarro, M. & Pereira, A. (2007). A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico y Evaluación/Avaliação Psicológica, 24* (2), 193-210.
- Coccia, C., Darling, C., Rehm, M., Cui, M. & Sathe, S. (2010). Adolescent Health, Stress an Life Satisfaction: The Paradox of Indulgent Parenting. *Stress and Health, 28*, 211-22.
- Collins, A. & Russel, G. (1991). Mother-Child and Father-Child Relationships in Middle Childhood and Adolescence: A Developmental Analysis. *Developmental Review, 11*, 99-136.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting Style as Context: An integrative Model. *Psychological Bulletin, 113* (3), 487-496.

- DiClemente, R., Wingood, G., Crosby, R., Sionean, C., Cobb, B., Harrington, K., Davies, S., Hook, E. & Oh, M. (2001). Parental Monitoring: Association With Adolescents' Risk Behaviors. *Pediatrics*, 107 (6), 1363-1368.
- Dwairy, M., & Achoui, M. (2010). Adolescents-family connectedness: A first cross-cultural research on parenting and psychological adjustment of children. *Journal of Child and Family Studies*, 19, 8-15. doi: 10.1007/s10826-009-9335-1
- Elder, G., Johnson, M. & Crosnoe, R. (2004). The Emergence and Development of Life Course Theory. Mortimer, J. & Shanahan, M. *Handbook of the Life Course*, 3-16. New York: Springer Science.
- Flach, K., Lobo, B. & Potter, J. (2011). As Práticas Educativas na Família e a Importância da Presença Parental. Documento retirado de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0276.pdf>
- Fleck, M., Louzada, S., Xavier, M., Chachamovich, E., Vieira, G., Santos, L., & Pinzón, V. (2000). Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida "WHOQOL". *Revista Saúde Pública*, 34, 178-183.
- Gaspar, T., Matos, M., Ribeiro, J. & Leal, I. (2006). Qualidade de vida e bem-estar em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2 (2) 47-60.
- Gaspar, T., & Matos, M. (2008). *Qualidade de Vida em Crianças e Adolescentes- Versão Portuguesa dos Instrumentos KIDSCREEN-52*. Cruz Quebrada, Portugal: Aventura Social e Saúde.
- Hernando, A., Nunes, C., Cruz, M.C., Lemos, I., Valadas, S. (2013). A comparative study on the health and wellbeing of adolescent immigrants in Spain and Portugal. *Saúde e Sociedade*, 22 (2), 342-350.
- Huebner, E., Valois, R., Suldo, S., Smith, L., Mcknight, C., Seligson, J. & Zullig, K. (2004). Perceived Quality of Life: A Neglected Component of Adolescent Health Assessment and Intervention. *Journal of Adolescent Health*. 34, 270-278.

- Lamborn, S., Mounts, N., Steinberg, L., & Dornbusch, S. (1991). Patterns of Competence and Adjustment among Adolescents from Authoritative, Authoritarian, Indulgent and Neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.
- Lima-Serrano, M., Lemos, I., & Nunes, C. (2013). Adolescent quality of life and health behaviors: A comparative study between adolescents from the south of Portugal and Spain, *Revista Texto & Contexto Enfermagem*, 22 (4), 893-900. ISSN: 0104-0707. (JCR, F.I.: 0.134).
- Martin, K., Huebner, E. & Valois, R. (2008). Does life satisfaction predict victimization experiences in adolescence? *Psychology in the Schools*, 45, 705-714.
- Martínez, I. & Garcia, F. (2007). Impact of Parenting Styles on Adolescents Self-Esteem and Internalization of Values in Spain. *The Spanish Journal of Psychology*, 10 (2), 338-348.
- Martínez, I., Garcia, F. & Yubero, S. (2007). Parenting Styles and Adolescents Self-Esteem in Brazil. *Psychological Reports*, 100, 731-745.
- Moraes, R., Camino, C., Costa, J., Camino, L. & Cruz, L. (2007). Socialização Parental e Valores: Um Estudo com Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (1), 167-177.
- Musitu, G. & García, G. (2004). ESPA29 *Escala de estilos de socialización parental en la adolescencia*. Madrid: TEA Ediciones, S.A.
- Milevsky, A., Schlechter, M., Netter, S. & Keehn, D. (2007). Maternal and Paternal Parenting Styles in Adolescents: Associations with Self-Esteem, Depression and Life-Satisfaction. *J Child Fam Stud* 39-47. Publicação Eletrónica avançada. doi: 10. 1007/s10826-006-9066-5
- Nunes, C., Boddén, D.H.M., Lemos, I., Lorence, B., & Jiménez, L. (2014). Parenting practices and quality of life in Dutch and Portuguese adolescents: A cross-cultural study. *Revista de Psicodidáctica*, 19 (2), 327-346. doi: 10.1387/RevPsicodidact.10493.

- Pacheco, J., Silveira, L. & Schneider, A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39, 66-73.
- Reichert, C. (2006). Autonomia na Adolescência e sua relação com os Estilos Parentais (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Documento retirado de http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=223
- Rikhye, K., Tyrka, A., Kelly, M., Gagne, G., Mello, A. & Mello, M. ... Capenter, L. (2008). Interplay between childhood maltreatment, parental bonding and gender effects: Impact on quality of life. *Child Abuse & Neglect*, 32, 19-34.
- Roche, K., Sharon, R., Ghazarian, S., Little, T., y Leventhal, T. (2010). Understanding links between punitive parenting and adolescent adjustment: The relevance of context and reciprocal associations. *Journal of Research on Adolescence*, 21(2), 448-460. doi: 10.1111/j.1532-7795.2010.00681.x
- Saha, R., Huebner, E. & Suldo, S. (2009). A Longitudinal Study of Adolescent Life Satisfaction and Parenting. *Child Ind Res* (3) 149-165. Publicação Eletrônica avançada. doi: 10.1007/s12187-009-9050-x
- Salzman, J. (1996). Primary attachment in female adolescents: association with depression, self-esteem, and maternal identification. *Psychiatric*, 59 (1), 20-33.
- Viner, R., Ozer, E., Denny, S., Marmot, M., Resnick, M., Fatusi, A., Currie, C. (2012). Adolescence and the social determinants of health. *The Lancet*. Publicação Eletrônica avançada. doi: 10.1016/S001406736 (12) 60149-4
- Violato, C. & Arato, J. (2004). Childhood Attachment and Adolescent Suicide: A Stepwise Discriminant Analysis in a Case – Comparison Study. *Individual Differences Research*, 2 (3), 162-168.

Wagner, A. & Bem, L. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconómico. *Psicologia em Estudo*, 11 (1), 63-71.

Anexos

Anexo A

Exmo. Sr. Diretor Executivo da (Nome da escola)

Faro, 3 de Outubro de 2010

Assunto: Pedido de autorização para recolha de dados

No âmbito da pesquisa empírica para a realização da tese de mestrado em XXXXX pela Universidade do Algarve, venho desta forma solicitar a Vossa Ex.^a que autorize a administração de um questionário a alunos do (especificar cursos) desta escola.

Este trabalho, cuja orientação científica é efectuada pela Prof. Dra. Cristina Nunes, da Universidade do Algarve, tem por objectivo estudar XXXXX. Pretende-se contribuir para XXXX que poderá ser útil na escolha das intervenções junto dos jovens.

A requerente compromete-se, por sua honra:

- a) A garantir a preservação da confidencialidade dos dados recolhidos;
- b) A não recolher a identidade dos alunos;
- c) A não utilizar os dados pessoais obtidos para fins diversos dos que determinaram o acesso.

Com os melhores cumprimentos,

Pede deferimento,

(Nome da aluna)

Aluna do Mestrado em XXXX Faculdade de Ciências
Humanas e Sociais da Universidade do Algarve

Anexo B

Gambelas, Outubro de 2010

Exm.º (ª) Sr.(a) Encarregado de Educação

No âmbito de uma investigação sobre XXXX, foi efectuado um pedido de autorização ao Conselho Executivo da Escola que o seu filho frequenta para que os alunos preencham alguns questionários sobre XXX. Na medida em que para este estudo necessitamos de dados relativos ao aluno, vimos desta forma, solicitar a sua autorização para que o seu filho(a) colabore como participante. O presente trabalho é orientado pela Prof. Doutora Cristina Nunes da Universidade do Algarve.

Desde já, está garantida a preservação de confidencialidade da informação recolhida e não será revelado qualquer dado que possibilite a identificação dos jovens.

Se no entanto **não autorizar** o preenchimento do questionário pelo seu educando, **peço-lhe que devolva**, na próxima semana, esta carta ao seu director de turma, bastando para isso preencher a parte inferior da folha com o nome e número do seu filho e assinando por baixo.

Grata pela sua colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

(Nome e assinatura da Aluna)

EU, _____, encarregado de educação do aluno
_____ (aluno nº ____ da turma ____ do ____ ano)
NÃO AUTORIZO o meu educando a participar neste estudo.

(Assinatura do Encarregado de Educação)